

LÍNGUA

PORTUGUESA

Olá!

Sumário – Língua Portuguesa

Provas na Íntegra

Fuvest-SP-2023	3
Fuvest-SP-2022	6
Fuvest-SP-2021	10
Fuvest-SP-2020	14
Fuvest-SP-2019	18
Fuvest-SP-2018	22
Unesp-2022.....	26
Unesp-2021.....	30
Unesp-2020.....	31
Unesp-2019/1	33
Unesp-2018/2	34
Unesp-2018/1	37
Unesp-2017/2	39
Gabarito.....	41

LÍNGUA PORTUGUESA

Provas na Íntegra

FUVEST-SP-2023

01.

Família

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta,
a copeira mulata,
o papagaio,
o gato,
o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.

No poema de Drummond,

- A) a hierarquização dos substantivos que compõem a primeira estrofe tem a função de situar essa família na sociedade escravagista do século XIX.
- B) a repetição de um verbo de ação, em contraste com o caráter nominal dos versos, destaca a serventia da figura feminina na organização familiar.
- C) a ausência de menção direta ao homem produz um retrato reativo à família patriarcal, por salientar o protagonismo social da mulher.
- D) o modo como os elementos que compõem a terceira estrofe estão relacionados permite inferir a prosperidade econômica familiar.
- E) o enquadramento da mulher no ambiente doméstico lança luz sobre um regime social que favorece a realização plena das potencialidades femininas.

Instrução: Texto para as questões 02 e 03.

Luc Boltanski e Ève Chiapello demonstram com clareza e sagacidade a capacidade antropofágica do capitalismo financeiro que “engole” a linguagem do protesto e da libertação para transformá-la e utilizá-la para legitimar a dominação social e política a partir do próprio mercado.

Na dimensão do mundo do trabalho, por exemplo, todo um novo vocabulário teve que ser inventado para escamotear as novas transformações e melhor oprimir o trabalhador. Com essa linguagem aparentemente libertadora, passa-se a impressão de que o ambiente de trabalho melhorou e o trabalhador se emancipou.

Assim houve um esforço dirigido para transformar o trabalhador em “colaborador”, para eufemizar e esconder a consciência de sua superexploração; tenta-se também exaltar os supostos valores de liderança para possibilitar que, a partir de agora, o próprio funcionário, não mais o patrão, passe a controlar e vigiar o colega de trabalho. Ou, ainda, há a intenção de difundir a cultura do empreendedorismo, segundo a qual todo mundo pode ser empresário de si mesmo. E, o mais importante, se ele falhar nessa empreitada, a culpa é apenas dele. É necessário sempre culpar individualmente a vítima pelo fracasso socialmente construído.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

- 02. De acordo com o texto, o uso de “colaborador” no lugar de “trabalhador”, no campo das relações de trabalho, indica
 - A) o apagamento da linguagem de reivindicação e a falsa ideia de um trabalhador fortalecido.
 - B) a valorização do trabalhador vigiado pelo Estado nas tradicionais relações empregatícias.
 - C) a difusão da cultura da meritocracia, que fortalece as relações do trabalhador com o Estado.
 - D) a consciência do patrão que rejeita a cultura do neoliberalismo.
 - E) o impedimento de o trabalhador investir na prática do empreendedorismo.
- 03. O uso dos verbos “passar” (2º parágrafo) e “tentar” (3º parágrafo) no texto, em sua forma pronominal, revela
 - A) adequação à forma analítica da voz passiva.
 - B) construção com conjunção integrante.
 - C) marcação da impessoalidade do discurso.
 - D) informalidade correspondente ao gênero discursivo.
 - E) ênfase na reciprocidade da linguagem.

04.



Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/> (Adaptação).

Os verbos “detonar” e “avariar”, no texto, são exemplos de

- A) usos linguísticos próprios de gêneros da área jurídica.
- B) termos cujos sentidos se contradizem na composição da tira.
- C) vocábulos empregados informalmente.
- D) recursos linguísticos inadequados à situação de comunicação.
- E) escolhas vocabulares associadas ao contexto de cada personagem.

05. Mas não medimos os tempos que passam, quando os medimos pela sensibilidade. Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já estiver decorrido, não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe.

Santo Agostinho. *Confissões*.

O tempo físico e o tempo psicológico se diferenciam na medida em que o primeiro se firma na objetividade e o segundo, na subjetividade. De acordo com os argumentos de Santo Agostinho, pode-se dizer que, no romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, a passagem que melhor exprime a duração interior é:

- A) “- 1910. Minto, 1911. 1911, Manuel?”
 - B) “Os galos marcavam o tempo, importunavam mais que os relógios.”
 - C) “Julião Tavares ia afastar-se, dissipar-se, virar neblina.”
 - D) “Mas no tempo não havia horas.”
 - E) “O espírito de Deus boiava sobre as águas.”
06. Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
 Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte
 E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
 E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

SUJEITO de sorte. Compositor: Belchior.

Leia as seguintes afirmações a respeito da letra da música:

- I. Os adjuntos adverbiais temporais remetem a um contraste entre passado e presente, o que reforça o caráter metafórico do texto.
- II. A locução “apesar de” contribui para a expressão de um sentimento inesperado em relação ao sentido de “muito moço”.
- III. As formas verbais “morri” e “morro”, embora se refiram a momentos distintos, apresentam sentido denotativo.

Está correto o que se afirma em:

- A) I, apenas.
- B) II, apenas.
- C) I e II, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

Instrução: Texto para as questões **07** e **08**.

O Quinto Império

Triste de quem vive em casa
 Contente com o seu lar,
 Sem que um sonho, no erguer de asa,
 Faça até mais rubra a brasa
 Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
 Vive porque a vida dura.

Nada na alma lhe diz
 Mais que a lição da raiz –
 Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
 No tempo que em eras vem.
 Ser descontente é ser homem.
 Que as forças cegas se domem
 Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
 Tempos do ser que sonhou,
 A terra será teatro
 Do dia claro, que no atro
 Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
 Europa – os quatro se vão
 Para onde vai toda idade.
 Quem vem viver a verdade
 Que morreu D. Sebastião?

PESSOA, Fernando. *Mensagem*.

- 07.** De acordo com o texto, a ideia de felicidade, também nuclear em outros poemas de *Mensagem*,
- A) alimenta as aspirações humanas.
 - B) compreende-se como superação da morte.
 - C) identifica-se com o destino heroico.
 - D) compõe a mediocridade cotidiana.
 - E) situa-se como finalidade da existência.

08. *Mensagem* reconduz a história de Portugal a partir de uma reinterpretação do tempo histórico. No poema, o tempo é encarado segundo uma concepção

- A) nostálgica, devido à presença de modelos situados no passado.
- B) materialista, por efeito da aspiração burguesa de um lar confortável.
- C) mística, em razão do prognóstico de um futuro metafísico.
- D) biológica, por mérito da aceitação do ciclo natural da existência.
- E) psicológica, em virtude da referência ao substantivo “sonho”.

09. Eu quase fui um índio sacana, como meu tio. [...] Desses índio que são índio pela metade. Ou seja, qui nem índio, nem branco, nem cholo, nem negro, nem serrano, nem costeiro, nem camponês, nem equatoriano, nem estrangeiro, nem nada. Índio sacana, claro. Índio qu'está à vista de toda gente e ninguém vê, qu'está mesminho nas ruas todos os dias, caminhando pra lá pra cá, buscando trabalho nas porta de gente rica, de jardineiro, de mensageiro, cuidador de cachorros, saloneiro, caseiro, criador de crianças, de toda classe de trabalho. Chofer. O Equador está cheinho de índio sacana assim. Desse tipo d'índio que não é nada.

CARVALHO-NETO, Paulo de. *Meu tio Atahualpa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.

A expressão “índio sacana”, presente no texto, faz referência a:

- A) Uma parcela da população indígena caracterizada por sua autonomia e resistência às formas pós-coloniais de dominação.
- B) Um grupo social cuja inserção na sociedade equatoriana foi complexa e limitada.
- C) Uma etnia que historicamente alcançou a emancipação política e social por meio da assimilação da cultura europeia.
- D) Um conjunto de indivíduos de nacionalidade estrangeira cujos hábitos e costumes contrastavam com os da população local.
- E) Um segmento que ganhou visibilidade por ocupar posições sociais de prestígio.

10.

Migna terra tê parmeras
 Che ganta inzima o sabiá.
 As aves che stó aqui,
 Tambê tuttós sabi gorgeá.

[...]

Os rio lá sô maise grandi
 Dus rio di tuttas naçó;
 I os matto si perdi di vista,
 Nu meio da imensidó.

BANANÉRE, Juó. Migna terra. *La Divina Increnca*. São Paulo: Irmãos Marrano Editora, 1924.

Assinale a alternativa que melhor expressa as relações entre o poema e a inserção social de imigrantes italianos no Brasil.

- A) O poema traça uma analogia entre a paisagem natural da Itália e do Brasil, sob os olhos de um imigrante.
- B) A referência à oralidade era um reconhecimento à contribuição desta comunidade para a nova literatura brasileira.
- C) O poema tematiza a revolta dos imigrantes camponeses italianos ao chegarem nas fazendas de café.
- D) O caráter lírico presente no poema indica a emotividade e o desejo de aceitação por parte dos imigrantes.
- E) A linguagem adotada no poema expressava uma maneira caricata de representar o idioma daquela comunidade.

11.



Disponível em: <https://incrivel.club/admiracao-fotografia/>
 (Adaptação).

Com base na peça publicitária da Anistia Internacional, é correto afirmar que

- A) a correlação verbo-visual, reforçada pela polissemia do verbo “desligar”, contrapõe quem vive e quem observa a guerra.

- B) os pronomes “você” e “eles” indicam compatibilidade ideológica entre grupos de regiões diferentes.
- C) a linguagem visual impede a conscientização acerca das realidades das zonas de guerra.
- D) a omissão do verbo no segundo período do texto coloca o leitor como participante da guerra.
- E) os recursos visuais possuem independência da expressão linguística na interpretação da publicidade.

FUVEST-SP-2022

01. Por mais bem informado que você possa ser, não dá para baixar a guarda. Mas por que as notícias falsas – mesmo aquelas mais improváveis – parecem tão convincentes para tantas pessoas? Van Bavel, professor de psicologia e ciência neural da Universidade de Nova York, se especializou em entender como as crenças políticas e identidades de grupo influenciam a mente, e descobriu que a identificação com posições políticas pode interferir em como o cérebro processa as informações. Tendemos a rejeitar fatos que ameaçam nosso senso de identidade e sempre buscar informações que confirmem nossas próprias crenças, seja por meio de memórias seletivas, leituras de fontes que estão do nosso lado ou mesmo interpretando os fatos de determinada maneira. Isso tudo está relacionado a não quereremos ter nossas ideias, gostos, identidade questionados, e por isso temos dificuldade em aceitar o que contradiz aquilo em que acreditamos.

PRADO, Ana. A ciência explica por que caímos em *fake news*. *Superinteressante*, 15 jun. 2018 (Adaptação).

De acordo com o texto,

- A) as pessoas bem informadas estão protegidas de polêmicas, uma vez que o modo como processam os fatos tornam suas opiniões mais convincentes.
- B) o posicionamento político garante a disseminação de notícias verdadeiras e resulta de crenças já estabelecidas socialmente.
- C) a rejeição a questionamentos impede que se admitam pontos de vista antagônicos, em razão da tendência de se confirmar crenças pessoais.
- D) as memórias seletivas auxiliam na rejeição de fatos contrários à realidade, já que conduzem à interpretação das reportagens de modo imparcial.
- E) os fatos hostis normalmente são preteridos por grande parte da sociedade, embora sejam utilizados como identificador cultural.

02.



Disponível em: <http://www.malvados.com.br/>.

Considerando a ironia da tirinha, é possível inferir que

- A) o serviço de transporte público é gerido pelo Estado.
- B) a qualidade do transporte é uma forma de punição.
- C) os responsáveis pelo transporte são punidos no Brasil.
- D) o brasileiro é um povo que tolera a criminalidade.
- E) o transporte público é responsável pela mobilidade urbana.

Instrução: Texto para as questões **03** e **04**.

No modelo hegemônico, quase todo o treinamento é reservado para o desenvolvimento muscular, sobrando muito pouco tempo para a mobilidade, a flexibilidade, o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular. Na teoria, seria algo em torno de 70% para o fortalecimento, 20% para o cárdio e 10% para a flexibilidade e outros. Na prática, muitos alunos direcionam 100% do tempo para o fortalecimento.

Como a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

COBRA JR., Nuno. *Fitness não é saúde*. Uol, 6 maio 2021 (Adaptação).

03. Sem alteração de sentido, o segundo parágrafo do texto poderia ser reescrito da seguinte maneira:

- A) Ainda que a prática cardiovascular seja infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável.
- B) Para evitar que a prática cardiovascular se torne infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
- C) Quando a prática cardiovascular for infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável.
- D) Quanto mais a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
- E) Essa ordem deveria ser revista: a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o "coração" de um treinamento consciente e saudável.

04. Dentre as expressões destacadas, a que exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em "o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular" é:

- A) um atleta **de seleção** precisa de treinamento intenso.
- B) o amor **ao esporte** é fundamental para o atleta.
- C) a população incorpora **radicalmente** atitudes saudáveis.
- D) muitas **pessoas** se beneficiam de alimentos verdes.
- E) todo tipo de atividade física faz **bem** à saúde mental.

Instrução: Textos para as questões de **05** a **07**.

I.

Suave mari magno*

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

ASSIS, Machado de. *Ocidentais*.

*Expressão latina, retirada de Lucrécio (*Da natureza das coisas*), a qual aparece no seguinte trecho: Suave, mari magno, turbantibus aequora ventis / E terra magnum alterius spectare laborem. ("É agradável, enquanto no mar revoltoso os ventos levantam as águas, observar da terra os grandes esforços de um outro.").

II.

Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. cap. XVIII.

III.

Sofia soltou um grito de horror e acordou. Tinha ao pé do leito o marido:

– Que foi? perguntou ele.

– Ah! respirou Sofia. Gritei, não gritei?

[...]

– Sonhei que estavam matando você.

Palha ficou enternecido. Havê-la feito padecer por ele, ainda que em sonhos, encheu-o de piedade, mas de uma piedade gostosa, um sentimento particular, íntimo, profundo, – que o faria desejar outros pesadelos, para que o assassinassem aos olhos dela, e para que ela gritasse angustiada, convulsa, cheia de dor e de pavor.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. cap. CLXI.

05. A visão do eu lírico no texto I

- A) volta-se nostálgica para as imagens de uma lembrança.
- B) centra-se com desprezo na figura do animal agonizante.
- C) apreende displicentemente o movimento dos transeuntes.
- D) ganha distância da cena para captar todos os seus aspectos.
- E) apresenta o espectador da crueldade como um ser incomum.

06. A analogia consiste em um recurso de expressão comumente utilizado para ilustrar um raciocínio por meio da semelhança que se observa entre dois fatos ou ideias. No texto II, a analogia construída a partir da imagem do chicote pretende sugerir que

- A) o instrumento do castigo nem sempre cai em mãos justas.
- B) o apreço aos objetos independe do uso que se faz deles.
- C) o cabo é metáfora de mérito, e a ponta, metáfora de culpa.
- D) o mais fraco, por ser compassivo, é incapaz de desfrutar do poder.
- E) o prazer verdadeiro se experimenta no lado dos dominantes.

07. No texto III, ao analisar a interioridade de Palha, o narrador descobre, no pensamento oculto do negociante,

- A) a ternura que lhe inspira a mulher, capaz de toda abnegação.
- B) a piedade que lhe causa a mulher, a quem só guarda desprezo.
- C) a vaidade que beira o sadismo, ao ver a mulher sofrer por ele.
- D) o gozo vingativo, visto que a mulher o trai com Carlos Maria.
- E) o remorso do infiel, pois ele trai a mulher com Maria Benedita.

08.

Largo em sentir, em respirar sucinto,
Peno, e calo, tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é que o sustento:
Com que, para penar é sentimento,
Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegou a vir à boca os tiros
Dos combates que vão dentro no peito.

Gregório de Matos e Guerra

No soneto, o eu lírico

- A) expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto de "o Boca do Inferno".
- B) opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.
- C) explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.
- D) estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.
- E) revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.

09.

Nun ´ Álvares Pereira

Que auréola te cerca?

É a espada que, volteando,

Faz que o ar alto perca

Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,

Faz esse halo no céu?

É Excalibur, a unvida,

Que o Rei Artur te deu.

´Sperança consumada,

S. Portugal em ser,

Ergue a luz da tua espada

Para a estrada se ver!

PESSOA, Fernando. *In: A Coroa, Parte I. Mensagem.*

A primeira parte de *Mensagem*, organizada como um correlativo poético do Brasão das Armas de Portugal, perfila uma série de figuras míticas e históricas que teriam sido responsáveis pela formação nacional portuguesa. A seleção de Nun ´ Álvares Pereira para ocupar o lugar da Coroa

- A) sugere, pela imagem do halo de luz, que a verdadeira nobreza é de espírito.
- B) destaca, através da referência ao mito arturiano, o seu sangue bretão.
- C) distingue, por meio do substantivo "´sperança", um regente digno de seu posto.
- D) enaltece, pela repetição da palavra espada, a guerra como estrada para o futuro.
- E) indica, associada ao adjetivo "consumada", uma visão desenganada da história.

Instrução: Texto para as questões 10 e 11.

A taxa de livros tem um efeito cascata **que** acaba custando caro não apenas ao leitor, como também ao mercado editorial – **que** há anos não anda bem das pernas – e, em última instância, ao desenvolvimento econômico do país.

A gente explica. Taxar um produto significa, quase sempre, um aumento no valor do produto final. Isso porque ao menos uma parte desse imposto será repassada ao consumidor, especialmente se considerarmos que as editoras e livrarias enfrentam há anos uma crise **que** agora está intensificada pela pandemia e não poderiam retirar o valor desse imposto de seu já apertado lucro. Livros mais caros também resultam em queda de vendas, **que**, por sua vez, enfraquece ainda mais editoras e as impede de investir em novas publicações – especialmente aquelas de menor apelo comercial, mas igualmente importantes para a pluralidade de ideias. Já deu para perceber a confusão, não é? Mas, além disso, qual seria o custo de uma sociedade com menos leitores e menos livros?

ILHÉU, Tais. Por que taxar os livros pode gerar retrocesso social e econômico no país. *Guia do Estudante*, set. 2020 (Adaptação).

10. De acordo com o texto, os eventos sequenciais aos quais alude a expressão "efeito cascata" são:

- A) livros mais caros, decréscimo de vendas, estímulo às editoras, supressão de investimento em novas publicações.
- B) aumento do valor do produto final, queda de vendas, encolhimento das editoras, aumento do investimento em novas obras.
- C) livros mais caros, instabilidade nas vendas, enfraquecimento das editoras, expansão das publicações.
- D) aumento do valor do produto final, contração nas vendas, esgotamento das editoras, falta de investimento em novas publicações.
- E) livros mais caros, equilíbrio nas vendas, diminuição das editoras, carência de investimento em novas publicações.

11. No texto, os pronomes em negrito referem-se, respectivamente, a:

- A) taxa de livros, mercado editorial, crise, queda de vendas.
- B) taxa de livros, leitor, crise, queda de vendas.
- C) efeito cascata, mercado editorial, crise, queda de vendas.
- D) efeito cascata, mercado editorial, livrarias, livros.
- E) efeito cascata, leitor, crise, livros.

12. Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio. O romancista "imitaria" a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seus hábitos cotidianos.

A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. Caso essa pobre vida morte deva ser tematizada, ela aparecerá como tal, degradada, sem a aura positiva com que as palavras “realismo” e “realidade” são usadas nos discursos que fazem a apologia conformista da “vida como ela é”... A escrita da resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida.

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.

BOSI, Alfredo. *Narrativa e resistência* (Adaptação).

O conceito de resistência, expresso pela tensão do indivíduo perante o mundo, adquire perspectiva crítica na escrita do romance quando o autor

- A) rompe a superfície enganosa da realidade.
- B) forja um realismo rente à vida mesquinha.
- C) é neutro ao figurar a vacuidade do presente.
- D) conserva o discurso positivo da ordem.
- E) consegue sobrepor a fantasia à verdade.

Instrução: Texto para as questões 13 e 14.

A escrita faz **de tal modo** parte de nossa civilização **que** poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era – depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se no escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E **sobretudo** não existe história que não se funde sobre textos.

HIGOUNET, Charles. *A história da escrita* (Adaptação).

- 13.** A escrita poderia servir de definição da nossa civilização, uma vez que
- A) a terceira era está prestes a acontecer.
 - B) o escrito respalda as atividades humanas.
 - C) as convenções verbais substituíram o escrito.
 - D) a oralidade deixou de ser usada em períodos remotos.
 - E) os textos pararam de se modificar a partir da escrita.
- 14.** A locução conjuntiva “de tal modo... que” e o advérbio “sobretudo”, respectivamente, expressam noção de:
- A) conformidade e dúvida.
 - B) consequência e realce.
 - C) condição e negação.
 - D) consequência e negação.
 - E) condição e realce.

FUVEST-SP-2021

Instrução: Texto para as questões de 01 a 03.

Uma última gargalhada estrondosa. E depois, o silêncio. O palhaço jazia imóvel no chão. Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre. Porque a carreira original do Coringa 5 era para durar apenas 30 páginas. O tempo de envenenar Gotham, sequestrar Robin, enfiar um par de sopapos na Homem-Morcego e disparar o primeiro “vou te matar” da sua relação. Na briga final do Batman n.º 1, o “horripilante bufão” sofria um final digno de sua desumana ironia: ao tropeçar, cravava sua própria adaga no peito. Assim decidiram e desenharam seus pais, os artistas Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson. Entretanto, o criminoso mostrou, já em sua primeira aventura, um enorme talento para se rebelar contra a ordem estabelecida. Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho. Já dentro da ambulância, vinha à tona “um dado desconcertante”. E então um médico sentenciava: “Continua vivo. E vai sobreviver!”.

KOCH, Tommaso. O Coringa completa 80 anos e na Espanha ganha duas HQs, que inspiram debates filosóficos sobre a liberdade. *El País*, jun. 2020.

- 01.** No fragmento “ao tropeçar, cravava sua própria adaga no peito.” (L. 9-10), a oração em negrito abrange, simultaneamente, as noções de
- A) proporção e explicação.
 - B) causa e proporção.
 - C) tempo e consequência.
 - D) explicação e consequência.
 - E) tempo e causa.
- 02.** As vírgulas em “E depois, o silêncio.” (L. 1-2) e em “Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre.” (L. 2-3) são usadas, respectivamente, com a mesma finalidade que as vírgulas em
- A) “Após a queda, tomaram mais cuidado.” e “Quanto mais espaço, mais liberdade.”.
 - B) “Aos estrangeiros, ofereceram iguarias.” e “Limpavam a casa, e preparávamos as refeições.”.
 - C) “Colheram trigo e nós, algodão.” e “Eles se encontraram nas férias, mas não viajaram.”.
 - D) “Para meus amigos, o melhor.” e “Organizava tudo, cautelosamente.”.
 - E) “Viu o espetáculo, considerado o maior fenômeno de bilheteria.” e “Conheço muito bem, afirmou o rapaz.”.

08.

Alferes, Ouro Preto em sombras
 Espera pelo batizado,
 Ainda que tarde sobre a morte do sonhador
 Ainda que tarde sobre as bocas do traidor.
 Raios de sol brilharão nos sinos:
 Dez vias dar.

Ai Marília, as líras e o amor
 Não posso mais sufocar
 E a minha voz irá Pra muito além do desterro e do sal,
 Maior que a voz do rei.

BLANC, Aldir; BOSCO, João. *Alferes*. 1973. [Fragmento]

A imagem de Tiradentes — a quem Cecília Meireles qualificou “o Alferes imortal, radiosa expressão dos mais altos sonhos desta cidade, do Brasil e do próprio mundo”, em palestra feita em Ouro Preto — torna a aparecer como símbolo da luta pela liberdade em vários momentos da cultura nacional. Os versos do letrista Aldir Blanc evocam, em novo contexto, o mártir sonhador para resistir ao discurso

- A) da doutrina revolucionária de ligas politicamente engajadas.
- B) da historiografia, que minimizou a importância de Tiradentes.
- C) de autoritarismo e opressão, próprios da Ditadura Militar.
- D) dos poetas árcades, que se dedicavam às suas líras amorosas.
- E) da tirania portuguesa sobre os mineradores no ciclo do ouro.

09.

I

— Traíste-me, Sem Medo. Tu traíste-me.

[...]

Sabes o que tu és afinal, Sem Medo? És um ciumento. Chego a pensar se não és homossexual. Tu querias-me só, como tu. Um solitário do Mayombe. [...] Desprezo-te. [...] Nunca me verás atrás de uma garrafa vazia. [...] Cada sucesso que eu tiver será a paga da tua bofetada, pois não serei um falhado como tu.

PEPETELA. *Mayombe* (Adaptação).

II

— Peço-te perdão, Sem Medo. Não te compreendi, fui um imbecil. E quis igualar o inigualável.

PEPETELA. *Mayombe*.

Esses excertos de *Mayombe* referem-se a conversas entre as personagens Comissário e Sem Medo em momentos distintos do romance. Em I e II, as falas do Comissário revelam, respectivamente,

- A) incompatibilidade étnica entre ele e Sem Medo, por pertencerem a linhagens diferentes, e superação de sua hostilidade tribal.
- B) decepção, por Sem Medo não ter intercedido a seu favor na conversa com Ondina, e desespero diante do companheiro baleado.
- C) suspeita de traição de Ondina e tomada de consciência de que isso não passara de uma crise de ciúme dele.
- D) forte tensão homoafetiva entre ele e Sem Medo, e aceitação da verdadeira orientação sexual do companheiro.
- E) ira, diante do anticatolicismo de Sem Medo, e culpa que o atinge ao perceber que sua demonstração de coragem colocara o companheiro em risco.

Instrução: Texto para as questões de 10 a 12.

Leusipo perguntou o que eu tinha ido fazer na aldeia. Preferi achar que o tom era amistoso e, no meu paternalismo ingênuo, comecei a lhe explicar o que era um romance. Eu tentava convencê-lo de que não havia motivo para preocupação. Tudo o que eu queria saber já era conhecido. E ele me perguntava: “Então, por que você quer saber, se já sabe?” Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade. Ele seguia incrédulo. Fazia-se de desentendido, mas na verdade só queria me intimidar. As minhas explicações sobre o romance eram inúteis. Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente dos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu. Ele não dizia nada a não ser: “O que você quer com o passado?”. Repetia. E, diante da sua insistência bovina, tive de me render à evidência de que eu não sabia responder à sua pergunta.

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites* (Adaptação).

10. Sem prejuízo de sentido e fazendo as adaptações necessárias, é possível substituir as expressões em destaque no texto, respectivamente, por

- A) incompreensão; armação; inofensivo; irreduzível.
- B) altivez; brincadeira; ofendido; mansa.
- C) ignorância; mentira; prejudicado; alienada.
- D) complacência; invenção; bobo; cega.
- E) arrogância; entretenimento; incapaz; animalasca.

- 11.** As respostas do narrador às perguntas de Leusipo são uma tentativa de disfarçar o caráter
- fabular do romance, inspirado nas lendas e tradições dos Krahô.
 - investigativo do romance, embasado em testemunhos dos Krahô.
 - político do romance, a respeito das condições de vida dos Krahô.
 - etnográfico do romance, através do registro da cultura dos Krahô.
 - biográfico do romance, relatando sua vivência junto aos Krahô.
- 12.** Na cena apresentada, que explora o desconforto gerado pela difícil interlocução com o indígena, o narrador
- abandona a ideia de investigar o passado, ao se ver encurralado por Leusipo.
 - explora a sua posição ameaçadora de homem branco, ao insistir em permanecer na aldeia.
 - age com ousadia, ao procurar subjugar Leusipo a contribuir com o seu projeto.
 - identifica-se com a sabedoria de Leusipo, ao preferir do papel interrogativo e se deixar questionar.
 - sente-se frustrado com a reação de Leusipo, que não se deixa levar por sua diplomacia.
- 13.** Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas em verdade vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.
- Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...
- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*.
- O primeiro capítulo de *Quincas Borba* já apresenta ao leitor um elemento que será fundamental na construção do romance:
- a contemplação das paisagens naturais, como se lê em "ele admirava aquele pedaço de água quieta".
 - a presença de um narrador-personagem, como se lê em "em verdade vos digo que pensava em outra coisa".
 - a sobriedade do protagonista ao avaliar o seu percurso, como se lê em "Cotejava o passado com o presente".
 - o sentido místico e fatalista que rege os destinos, como se lê em "Deus escreve direito por linhas tortas".
 - a reversibilidade entre o cômico e o trágico, como se lê em "de modo que o que parecia uma desgraça...".

14.

Remissão

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, e suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*.

Claro Enigma apresenta, por meio do lirismo reflexivo, o posicionamento do escritor perante a sua condição no mundo.

Considerando-o como representativo desse seu aspecto, o poema "Remissão"

- traduz a melancolia e o recolhimento do eu lírico em face da sensação de incomunicabilidade com uma realidade indiferente à sua poesia.
- revela uma perspectiva inconformada, mesclando-a, livre da indulgência dos anos anteriores, a um novo formalismo estético.
- propõe, como reação do poeta à vulgaridade do mundo, uma poética capaz de interferir na realidade pelo viés nostálgico.
- reflete a visão idealizada do trabalho do poeta e a consciência da perenidade da poesia, resistente à passagem do tempo.
- realiza a transição do lirismo social para o lirismo metafísico, caracterizado pela adesão ao conforto espiritual e ao escapismo imaginativo.

15.



QUINO. *Mafalda*.

O efeito de humor presente nas falas das personagens decorre

- A) da quebra de expectativa gerada pela polissemia.
- B) da ambiguidade causada pela antonímia.
- C) do contraste provocado pela fonética.
- D) do contraste introduzido pela neologia.
- E) do estranhamento devido à morfologia.

17. Na oração “que ela dura” (v. 4), o pronome sublinhado
- A) não tem referente.
 - B) retoma a palavra “usina” (v. 1).
 - C) pode ser substituído por “ele”, referindo-se a “açúcar” (v. 1).
 - D) refere-se à “mais instável das brancuras” (v. 2).
 - E) equivale à palavra “censura” (v. 10).

Instrução: Texto para as questões de 16 a 17.

Psicanálise do açúcar

O açúcar cristal, ou açúcar de usina, mostra a mais instável das brancuras: quem do Recife sabe direito o quanto, e o pouco desse quanto, que ela dura. Sabe o mínimo do pouco que o cristal se estabiliza cristal sobre o açúcar, por cima do fundo antigo, de mascavo, do mascavo barrento que se incubava; e sabe que tudo pode romper o mínimo em que o cristal é capaz de censura: pois o tal fundo mascavo logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

Só os banguês* que-ainda purgam ainda o açúcar bruto com barro, de mistura; a usina já não o purga: da infância, não de depois de adulto, ela o educa; em enfermarias, com vácuos e turbinas, em mãos de metal de gente indústria, a usina o leva a sublimar em cristal o pardo do xarope: não o purga, cura. Mas como a cana se cria ainda hoje, em mãos de barro de gente agricultura, o barrento da pré-infância logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*.

* *banguê*: engenho de açúcar primitivo movido a força animal.

16. Os últimos quatro versos do poema rompem com a série de contrapontos entre a usina e o banguê, pois
- A) negam haver diferença química entre o açúcar cristal e o açúcar mascavo.
 - B) esclarecem que a aparência do açúcar varia com a espécie de cana cultivada.
 - C) revelam que na base de toda empresa açucareira está o trabalhador rural.
 - D) denunciam a exploração do trabalho infantil nos canaviais nordestinos.
 - E) explicam que a estação do ano define em qualquer processo o tipo de açúcar.

FUVEST-SP-2020

01.

Cantiga de enganar

[...]
 O mundo não tem sentido.
 O mundo e suas canções
 de timbre mais comovido
 estão calados, e a fala
 que de uma para outra sala
 ouvimos em certo instante
 é silêncio que faz eco
 e que volta a ser silêncio
 no negrume circundante.
 Silêncio: que quer dizer?
 Que diz a boca do mundo?
 Meu bem, o mundo é fechado,
 se não for antes vazio.
 O mundo é talvez: e é só.
 Talvez nem seja talvez.
 O mundo não vale a pena,
 mas a pena não existe.
 Meu bem, façamos de conta.
 De sofrer e de olvidar,
 de lembrar e de fruir,
 de escolher nossas lembranças
 e revertê-las, acaso
 se lembrem demais em nós.
 Façamos, meu bem, de conta
 – mas a conta não existe –
 que é tudo como se fosse,
 ou que, se fora, não era.
 [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*.

Em *Claro Enigma*, a ideia de engano surge sob a perspectiva do sujeito maduro, já afastado das ilusões, como se lê no verso-síntese "Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti." ("Legado"). O excerto de "Cantiga de enganar" apresenta a relação do eu com o mundo mediada

- A) pela música, que ressoa em canções líricas.
- B) pela cor, brilhante na claridade solar.
- C) pela afirmação de valores sólidos.
- D) pela memória, que corre fluida no tempo.
- E) pelo despropósito de um faz de conta.

Instrução: Textos para as questões de **02** a **04**.

Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, "destroem" o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem-nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz-nos o mundo outro, irreal, neles configurado [...]. No entanto, da adesão a esse "mundo de papel", quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri-lo, sentindo-o e pensando-o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o; e aclara-o já pelo *insight* que em nós provocou.

NUNES, Benedito. Ética e leitura. In: *Crivo de papel*.

O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando-se, traindo-se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*.

Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo. Nenhuma concessão ao gosto do público. Solilóquio doido, enervante.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*, em nota a respeito de seu livro *Angústia*.

- 02.** O argumento de Benedito Nunes, em torno da natureza artística da literatura, leva a considerar que a obra só assume função transformadora se
- A) estabelece um contraponto entre a fantasia e o mundo.
 - B) utiliza a linguagem para informar sobre o mundo.
 - C) instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo.
 - D) oferece ao leitor uma compensação anestésica ao mundo.
 - E) conduz o leitor a ignorar o mundo real.

- 03.** Se o discurso literário "aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o", pode-se dizer que Luís da Silva, o narrador-protagonista de *Angústia*, já não se comove com a leitura de "histórias fáceis, sem almas complicadas" porque

- A) rejeita, como jornalista, a escrita de ficção.
- B) prefere alienar-se com narrativas épicas.
- C) é indiferente às histórias de fundo sentimental.
- D) está engajado na militância política.
- E) se afunda na negatividade própria do fracassado.

- 04.** Para Graciliano Ramos, *Angústia* não faz concessão ao gosto do público na medida em que compõe uma atmosfera

- A) dramática, ao representar as tensões de seu tempo.
- B) grotesca, ao eliminar a expressão individual.
- C) satírica, ao reduzir os eventos ao plano do riso.
- D) ingênua, ao simular o equilíbrio entre sujeito e mundo.
- E) alegórica, ao exaltar as imagens de sujeira.

- 05.** Leia o trecho extraído de uma notícia veiculada na Internet:

"O carro furou o pneu e bateu no meio fio, então eles foram obrigados a parar. O refém conseguiu acionar a população, que depois pegou dois dos três indivíduos e tentaram linchar eles. O outro conseguiu fugir, mas foi preso momentos depois por uma viatura do 5º BPM", afirmou o major.

Disponível em: <https://www.gp1.com.br/>.

No português do Brasil, a função sintática do sujeito não possui, necessariamente, uma natureza de agente, ainda que o verbo esteja na voz ativa, tal como encontrado em:

- A) "O carro furou o pneu".
- B) "e bateu no meio fio".
- C) "O refém conseguiu acionar a população".
- D) "tentaram linchar eles".
- E) "afirmou o major".

Instrução: Texto para as questões **06** e **07**.

amora

a palavra amora
 seria talvez menos doce
 e um pouco menos vermelha
 se não trouxesse em seu corpo
 (como um velado esplendor)
 a memória da palavra amor
 a palavra amargo
 seria talvez mais doce
 e um pouco menos acerba
 se não trouxesse em seu corpo
 (como uma sombra a espreitar)
 a memória da palavra amar

CATALÃO, Marco. *Sob a face neutra*.

- 06.** É correto afirmar que o poema
- aborda o tema da memória, considerada uma faculdade que torna o ser humano menos amargo e sombrio.
 - enfoca a hesitação do eu lírico diante das palavras, o que vem expresso pela repetição da palavra “talvez”.
 - apresenta natureza romântica, sendo as palavras “amora” e “amargo” metáforas do sentimento amoroso.
 - possui reiterações sonoras que resultam em uma tensão inusitada entre os termos “amor” e “amar”.
 - ressalta os significados das palavras tal como se verificam no seu uso mais corrente.
- 07.** Tal como se lê no poema,
- a palavra “amora” é substantivo, e “amargo”, adjetivo.
 - o verbo “amar” ameniza o amargor da palavra “amargo”.
 - o substantivo “corpo” apresenta sentido denotativo.
 - o substantivo “amor” intensifica o dulçor da palavra “amora”.
 - o verbo “amar” e o substantivo “amor” são intercambiáveis.

Instrução: Texto para as questões **08** e **09**.

Uma planta é perturbada na sua sesta* pelo exército que a pisa.

Mas mais frágil fica a bota.

TAVARES, Gonçalo M. 1: *poemas*.

*sesta: *repouso após o almoço*.

- 08.** Considerando que se trata de um texto literário, uma interpretação que seja capaz de captar a sua complexidade abordará o poema como
- uma defesa da natureza.
 - um ataque às forças armadas.
 - uma defesa dos direitos humanos.
 - uma defesa da resistência civil.
 - um ataque à passividade.
- 09.** O ditado popular que se relaciona melhor com o poema é:
- Para bom entendedor, meia palavra basta.
 - Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
 - Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
 - Um dia é da caça, o outro é do caçador.
 - Uma andorinha só não faz verão.
- 10.** O Twitter é uma das redes sociais mais importantes no Brasil e no mundo. [...] Um estudo identificou que as *fake news* são 70% mais propensas a serem retweetadas do que fatos verdadeiros. [...] Outra conclusão importante do trabalho diz respeito aos famosos *bots*: ao contrário do que muitos pensam, esses robôs não são os grandes responsáveis por disseminar notícias falsas. Nem mesmo comparando com outros robôzinhos: tanto os que espalham informações mentirosas quanto aqueles que divulgam dados verdadeiros alcançaram o mesmo número de pessoas.
- SUPERINTERESSANTE. *No Twitter, fake news se espalham 6 vezes mais rápido que notícias verdadeiras*. Maio 2019.

No período “Nem mesmo comparando com outros robôzinhos: tanto os que espalham informações mentirosas quanto aqueles que divulgam dados verdadeiros alcançaram o mesmo número de pessoas.”, os dois-pontos são utilizados para introduzir uma

- conclusão.
- concessão.
- explicação.
- contradição.
- condição.

- 11.** Agora, o Manuel Fulô, este, sim! Um sujeito pingadinho, quase menino – “pepino que encorajou desde pequeno” – cara de bobo de fazenda, do segundo tipo –; porque toda fazenda tem o seu bobo, que é, ou um velhote baixote, de barba rara no queixo, ou um eterno rapazola, meio surdo, gago, glabro* e alvar**. Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel. E, em suas feições de caburé*** insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

ROSA, Guimarães. *Corpo fechado*. In: *Sagarana*.

*sem pelos, sem barba

**tolo

***mestiço

O retrato de Manuel Fulô, tal como aparece no fragmento, permite afirmar que

- há clara antipatia do narrador para com a personagem, que por isso é caracterizada como “bobo de fazenda”.
 - estão presentes traços de diferentes etnias, de modo a refletir a mescla de culturas própria ao estilo do livro.
 - a expressão “caburé insalubre” denota o determinismo biológico que norteia o livro.
 - é irônico o trecho “para mostrar brabeza”, pois ao fim da narrativa Manuel Fulô sofre derrota na luta física.
 - se apontam em sua fisionomia os “olhinhos de viés” para caracterizar a personagem como ingênua.
- 12.** O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismo negro é pensar projetos democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*

O trecho que melhor define a “incompreensão fundamental” (L.6) referida pela autora é:

- A) “não que eu buscasse respostas para tudo” (L.6-7).
- B) “não tinha consciência de mim” (L.8).
- C) “Por que eu ficava isolada na hora do recreio” (L.11-12).
- D) “me esforçando para não ser notada” (L.16).
- E) “sentia vergonha de levantar a mão” (L.9).

Instrução: Texto para as questões **13** e **14**.

E Sofia? interroga impaciente a leitora, tal qual Orgon: Et Tartufe? Ai, amiga minha, a resposta é naturalmente a mesma, – também ela comia bem, dormia largo e fofo, – coisas que, aliás, não impedem que uma pessoa ame, quando quer amar. Se esta última reflexão é o motivo secreto da vossa pergunta, deixai que vos diga que sois muito indiscreta, e que eu não me quero senão com dissimulados. Repito, comia bem, dormia largo e fofo. Chegara ao fim da comissão das Alagoas, com elogios da imprensa; a Atalaia chamou-lhe “o anjo da consolação”. E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação da caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer-lhe perder em um dia o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha trouxe no número seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias – “estrelas de primeira grandeza”.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*.

- 13.** No excerto, o autor recorre à intertextualidade, dialogando com a comédia de Molière, *Tartufo* (1664), cuja personagem central é um impostor da fé. Tal é a fama da peça que o nome próprio se incorporou ao vocabulário, inclusive em português, como substantivo comum, para designar o “indivíduo hipócrita” ou o “falso devoto”. No contexto maior do romance, sugere-se que a tartufice
- A) se cola à imagem da leitora, indiscreta quanto aos amores alheios.
 - B) é ação isolada de Sofia, arrivista social e benemérita fingida.
 - C) diz respeito ao filósofo Quincas Borba, o que explica o título do livro.
 - D) se produz na imprensa, apesar de esta se esquivar da eloquência vazia.
 - E) se estende à sociedade, na qual o cinismo é o trunfo dos fortes.
- 14.** Considerando o contexto, o trecho “E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse” (L.11-12) pode ser reescrito, sem prejuízo de sentido, da seguinte maneira: E não se pense que este nome a alegrou,
- A) apesar de lisonjeá-la.
 - B) antes a lisonjeou.
 - C) porque a lisonjeava.
 - D) a fim de lisonjeá-la.
 - E) tanto quanto a lisonjeava.

- 15.** Hoje fizeram o enterro de Bela. Todos na Chácara se convenceram de que ela estava morta, menos eu. Se eu pudesse não deixaria enterrá-la ainda. Disse isso mesmo a vovó, mas ela disse que não se pode fazer assim. Bela estava igualzinha à que ela era no dia em que chegou da Formação, só um pouquinho mais magra.

Todos dizem que o sofrimento da morte é a luta da alma para se largar do corpo. Eu perguntei a vovó: “Como é que a alma dela saiu sem o menor sofrimento, sem ela fazer uma caretinha que fosse?”. Vovó disse que tudo isso é mistério, que nunca a gente pode saber essas coisas com certeza. Uns sofrem muito quando a alma se despega do corpo, outros morrem de repente sem sofrer.

MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*.

Perguntas

Numa incerta hora fria
perguntei ao fantasma
que força nos prendia,
ele a mim, que presumo
estar livre de tudo
eu a ele, gasoso,
[...]

No voo que desfere
silente e melancólico,
rumo da eternidade,
ele apenas responde
(se acaso é responder
a mistérios, somar-lhes
um mistério mais alto):

Amar, depois de perder.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*.

As perguntas da menina e do poeta versam sobre a morte. É correto afirmar que

- A) ambos guardam uma dimensão transcendente e católica, de origem mineira.
- B) ambos ouvem respostas que lhes esclarecem em definitivo as dúvidas existenciais.
- C) a menina mostra curiosidade acerca da morte como episódio e o poeta especula o sentido filosófico da morte.
- D) a menina está inquieta por conhecer o destino das almas, enquanto o poeta critica o ceticismo.
- E) as duas respostas reforçam os mistérios da vida ao acolherem crenças populares.

- 16.**

A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo*:
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;
A sexta vá também desta maneira:
Na sétima entro já com grã** canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;
Se desta agora escapo, nunca mais:
Louvado seja Deus, que o acabei.

MATOS, Gregório de.

*louvor **grande

Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo
Com todo tipo você se parece
E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece
Quando você penetra num salão
E se mistura com a multidão
Você se torna um tipo destacado
Desconfiado todo mundo fica
Que o seu tipo não se classifica
Você passa a ser um tipo desclassificado
Eu até hoje nunca vi nenhum
Tipo vulgar tão fora do comum
Que fosse um tipo tão observado
Você ficou agora convencido
Que o seu tipo já está batido
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

ROSA, Noel.

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- o processo de composição do texto.
- a própria inferioridade ante o retratado.
- a singularidade de um caráter nulo.
- o sublime que se oculta na vulgaridade.
- a intolerância para com os gênios.

O efeito de humor que se obtém no cartum decorre, principalmente,

- da expressão facial da personagem.
- do uso de uma ferramenta fora de contexto.
- da situação rotineira exposta pela imagem.
- da ambiguidade presente na expressão “quebre a cara”.
- do emprego de linguagem popular.

Instrução: Leia o texto para responder às questões **02** e **03**.

Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor.

Piauí, ed. 143, p. 24. ago. 2018.

02. De acordo com o texto, o “mito político”

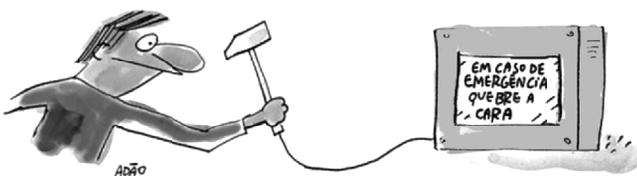
- prejudica o entendimento do mundo real.
- necessita da abstração do tempo.
- depende da verificação da verdade.
- é uma fantasia desvinculada da realidade.
- atende a situações concretas.

03. Sobre o sujeito da oração “em que vivem” (L. 14), é correto afirmar:

- Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias” (L. 11).
- É uma função sintática preenchida pelo pronome “que” (L. 11).
- É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los” (L. 12).

FUVEST-SP-2019

01. Examine o cartum.



ITURRUSGARAI, Adão. A vida como ela yeah.
Folha de S.Paulo, ago. 2018.

04. Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em "ilizar". Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em "ar". Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reiniciando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas.

A doença está tão disseminada que muitos verbos honestos, com currículo de ótimos serviços prestados, estão a ponto de cair em desgraça entre pessoas de ouvidos sensíveis. Depois que você fica alérgico a disponibilizar, como você vai admitir, digamos, "viabilizar"? É triste demorar tanto tempo para a gente se dar conta de que "desincompatibilizar" sempre foi um palavrão.

FREIRE, Ricardo. Complicabilizando. *Época*, ago. 2003.

Com base no texto, é correto afirmar:

- A) A "campanha nacional" a que se refere o autor tem por objetivo banir da língua portuguesa os verbos terminados em "ilizar".
- B) O autor considera o emprego de verbos como "reiniciando" (L. 7) e "viabilizar" (L. 14) uma verdadeira "doença".
- C) A maioria dos verbos terminados em "(i)lizar", presentes no texto, foi incorporada à língua por influência estrangeira.
- D) O autor, no final do primeiro parágrafo, acaba usando involuntariamente os verbos que ele condena.
- E) Os prefixos "des" e "in", que entram na formação do verbo "desincompatibilizar" (L. 15), têm sentido oposto, por isso o autor o considera um "palavrão".

05. Seria difícil encontrar hoje um crítico literário respeitável que gostasse de ser apanhado defendendo como uma ideia a velha antítese estilo e conteúdo. A esse respeito prevalece um religioso consenso. Todos estão prontos a reconhecer que estilo e conteúdo são indissolúveis, que o estilo fortemente individual de cada escritor importante é um elemento orgânico de sua obra e jamais algo meramente "decorativo".

Na prática da crítica, entretanto, a velha antítese persiste praticamente inexpugnada.

SONTAG, Susan. Do estilo. *Contra a interpretação*.

Consideradas no contexto, as expressões "religioso consenso", "orgânico" e "inexpugnada", destacadas no texto, podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por

- A) místico entendimento; biológico; invencível.
- B) piedoso acordo; puro; inesgotável.
- C) secular conformidade; natural; incompreensível.
- D) fervorosa unanimidade; visceral; insuperada.
- E) espiritual ajuste; vital; indomada.

06. Examine o anúncio.



Ministério Público do Trabalho no Rio Grande do Sul.

No contexto do anúncio, a frase "A diferença tem que ser só uma letra" pressupõe a

- A) necessidade de leis de proteção para todos que trabalham.
- B) existência de desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.
- C) permanência de preconceito racial na contratação de mulheres para determinadas profissões.
- D) importância de campanhas dirigidas para a mulher trabalhadora.
- E) discriminação de gênero que se manifesta na própria linguagem.

07.

I. Diante da dificuldade, municípios de diferentes regiões do país realizaram um segundo "dia D" neste sábado. O primeiro ocorreu em 18 de agosto. A adesão, no entanto, ainda ficou abaixo do esperado. Agora, a recomendação é que estados e municípios façam busca ativa para garantir que todo o público-alvo da campanha seja vacinado.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 3 set. 2018.

II. Pensar sobre a vaga, buscar conhecer a empresa e o que ela busca já faz de você alguém especial. Muitos que procuram o balcão de emprego não compreendem que os detalhes são fundamentais para conseguir a recolocação. Agora, não pense que você vai conseguir na primeira investida, a busca por um novo emprego requer paciência e persistência, tenha você 20 anos ou 50.

Balcão de Emprego.

Disponível em: empregabrasil.com.br.

O termo "Agora" pode ser substituído, respectivamente, em I e II e sem prejuízo de sentidos nos dois textos, por

- A) Neste momento; Por conseguinte.
- B) Neste ínterim; De fato.
- C) Portanto; Ademais.
- D) Todavia; Então.
- E) Doravante; Mas.

08.

I. Surge então a pergunta: se a fantasia funciona como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é no fim de contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que nos parece realmente valioso -, qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado?

O autor passou a vida a ilustrar esta pergunta, que é modulada de maneira exemplar no primeiro e mais conhecido dos seus grandes romances de maturidade.

- II. É preciso todavia lembrar que essa ligação com o problema geográfico e social só adquire significado pleno, isto é, só atua sobre o leitor, graças à elevada qualidade artística do livro. O seu autor soube transpor o ritmo mesológico para a própria estrutura da narrativa, mobilizando recursos que a fazem parecer movida pela mesma fatalidade sem saída. [...] Da consciência mortífera da personagem podem emergir os transe periódicos em que se estorce o homem esmagado pela paisagem e pelos outros homens.

Nos fragmentos I e II, aqui adaptados, o crítico Antonio Candido avalia duas obras literárias, que são, respectivamente,

- A) *A Relíquia* e *Sagarana*.
 B) *O Cortiço* e *Iracema*.
 C) *Sagarana* e *O Cortiço*.
 D) *Mayombe* e *Minha Vida de Menina*.
 E) *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Vidas Secas*.

09. Atente para as seguintes afirmações relativas ao desfecho do romance *A Relíquia*, de Eça de Queirós:

- I. O autor revela, por meio de Teodorico, sua descrença num Jesus divinizado, imagem que é substituída pela ideia de Consciência.
 II. Ao ser sincero com Crispim, Teodorico conquista a vida de burguês que sempre almejou.
 III. Teodorico dá ouvidos à mensagem de Cristo, arrepende-se de sua hipocrisia beata e abraça a fé católica.

Está correto o que se afirma apenas em

- A) I. D) II e III.
 B) II. E) I e III.
 C) I e II.

- Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11.

O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspira?

ALENCAR, José de. *Bênção paterna*. In: *Sonhos d'ouro*.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome, outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda e as tintas de que matiza o algodão.

ALENCAR, José de. *Iracema*.

Glossário: "ará": periquito; "uru": cesto; "crautá": espécie de bromélia; "juçara": tipo de palmeira espinhosa.

10. Com base nos trechos anteriores, é adequado afirmar:

- A) Para Alencar, a literatura brasileira deveria ser capaz de representar os valores nacionais com o mesmo espírito do europeu que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspira.
 B) Ao discutir, no primeiro trecho, a importação de ideias e costumes, Alencar propõe uma literatura baseada no abasileiramento da língua portuguesa, como se verifica no segundo trecho.
 C) O contraste entre os verbos "chupar" e "sorver", empregados no primeiro trecho, revela o rebaixamento de linguagem buscado pelo escritor em *Iracema*.
 D) Em *Iracema*, a construção de uma literatura exótica, tal como se verifica no segundo trecho, pautou-se pela recusa de nossos elementos naturais.
 E) Ambos os trechos são representativos da tendência escapista de nosso romantismo, na medida em que valorizam os elementos naturais em detrimento da realidade rotineira.

11. No trecho "outras remexe o uru de palha matizada", a palavra destacada expressa ideia de

- A) concessão. D) tempo.
 B) finalidade. E) consequência.
 C) adição.

- Instrução:** Leia os textos a seguir para responder às questões 12 e 13.

Sonetilho do falso Fernando Pessoa

Onde nasci, morri.
 Onde morri, existo.
 E das peles que visto
 muitas há que não vi.

- 5 Sem mim como sem ti
 posso durar.
 Desisto de tudo quanto é misto
 e que odiei ou senti.

- 10 Nem Fausto nem Mefisto,
 à deusa que se ri
 deste nosso oaristo*
 eis-me a dizer: assisto
 além, nenhum, aqui,
 mas não sou eu, nem isto.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro Enigma*.

**conversa íntima entre casais*.

Ulisses

O mito é o nada que é tudo.
 O mesmo sol que abre os céus
 É um mito brilhante e mudo –
 O corpo morto de Deus,
 Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*.

- 12.** Considerando os poemas, assinale a alternativa correta.
- As noções de que a identidade do poeta independe de sua existência biográfica, no "Sonetinho", e de que o mito se perpetua para além da vida, em "Ulisses", produzem uma analogia entre os poemas.
 - As referências a Mefisto ("diabo", na lenda alemã de *Fausto*) e a Deus no "Sonetinho" e em "Ulisses", respectivamente, associadas ao polo de opostos "morte" e "vida", revelam uma perspectiva cristã comum aos poemas.
 - O resgate da forma clássica, no "Sonetinho", e a referência à primeira pessoa do plural, em "Ulisses", denotam um mesmo espírito agregador e comunitário.
 - O eu lírico de cada poema se identifica, respectivamente, com seus títulos. No poema de Drummond, trata-se de alguém referido como "falso Fernando Pessoa", já no poema de Pessoa, o eu lírico é "Ulisses".
 - Os versos "As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão. / Mas as coisas findas, / muito mais que lindas, / essas ficarão", de outro poema de *Claro Enigma*, sugerem uma relação de contraste com os poemas citados.
- 13.** O oxímoro é uma "figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão" (HOUAISS, 2001). No poema "Sonetinho do falso Fernando Pessoa", o emprego dessa figura de linguagem ocorre em:
- "Onde morri, existo" (L. 2).
 - "E das peles que visto / muitas há que não vi" (L. 3-4).
 - "Desisto de tudo quanto é misto / e que odiei ou senti" (L. 7-8).
 - "à deusa que se ri / deste nosso oaristo" (L. 10-11).
 - "mas não sou eu, nem isto" (L. 14).

14.

E grita a piranha cor de palha, irritadíssima:
– Tenho dentes de navalha, e com um pulo de ida-e-volta resolvo a questão!...
– Exagero... – diz a arraia – eu durmo na areia, de ferrão a prumo, e sempre há um descuidoso que vem se espetar.
– Pois, amigas, – murmura o gimnoto*, mole, carregando a bateria – nem quero pensar no assunto: se eu soltar três pensamentos elétricos, bate-poço, poço em volta, até vocês duas boiarão mortas...

*peixe elétrico

- Esse texto, extraído de *Sagarana*, de Guimarães Rosa,
- antecipa o destino funesto do ex-militar Cassiano Gomes e do marido traído Turíbio Todo, em "Duelo", ao qual serve como epígrafe.
 - assemelha-se ao caráter existencial da disputa entre Brilhante, Dansador e Rodapião na novela "Conversa de Bois".
 - reúne as três figurações do protagonista da novela "A hora e vez de Augusto Matraga", assim denominados: Augusto Estêves, Nhô Augusto e Augusto Matraga.
 - representa o misticismo e a atmosfera de feitiçaria que envolve o preto velho João Mangalô e sua desavença com o narrador-personagem José, em "São Marcos".
 - constitui uma das cantigas de "O burrinho Pedrês", em que a sagacidade da boiada se sobressai à ignorância do burrinho.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **15 e 16**.

I. Cinquenta anos! Não era preciso confessá-lo. Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto* como nos primeiros dias. Naquela ocasião, cessado o diálogo com o oficial da marinha, que enfiou a capa e saiu, confesso que fiquei um pouco triste. Voltei à sala, lembrou-me dançar uma polca, embriagar-me das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos, e do burburinho surdo e ligeiro das conversas particulares. E não me arrependo; remocei. Mas, meia hora depois, quando me retirei do baile, às quatro da manhã, o que é que fui achar no fundo do carro? Os meus cinquenta anos.

*ágil

II. Meu caro crítico, Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: "Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias". Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro.

A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

15. Entre os dois trechos do romance, nota-se o movimento que vai da memória de vivências à revisão que o defunto autor faz de um mesmo episódio. A citação, pertencente a outro capítulo do mesmo livro, que melhor sintetiza essa duplicidade narrativa, é:

- A) "A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo".
- B) "Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil perceber o que poderá sair desse conúbio".
- C) "Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito do livro és tu, leitor".
- D) "Viver não é a mesma cousa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática".
- E) "Não havia ali a atmosfera somente da águia e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo".

16. A passagem final do texto II – "Valha-me Deus! é preciso explicar tudo." – denota um elemento presente no estilo do romance, ou seja,

- A) o realismo, visto no rigor explicativo dos fatos.
- B) a religiosidade, que se socorre do auxílio divino.
- C) o humor, capaz de relativizar as ideias.
- D) a metalinguagem, que imprime linearidade à narração.
- E) a ironia, própria do discurso positivo.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- A) semelhança entre a língua de origem e a local.
- B) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- C) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- D) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- E) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 02 e 03.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. ¹Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

HAUSER, Arnold. *Teorias da arte* (Adaptação).

02. De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe

- A) o reconhecimento de seu significado intrínseco.
- B) a exclusividade do ponto de vista mais recente.
- C) a consideração de seu caráter imutável.
- D) o acúmulo de interpretações anteriores.
- E) a explicação definitiva de seu sentido.

03. No trecho "Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna" (ref. 1), as expressões destacadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- A) realmente; portanto.
- B) invariavelmente; ainda.
- C) com efeito; todavia.
- D) com segurança; também.
- E) possivelmente; até.

FUVEST-SP-2018

01. Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves.
O Estado de S. Paulo, 22 ago. 2017.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **04 e 05**.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e, conseqüentemente, que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim. Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa; a minha esperteza é que a amofina. Eu então respondo: “Se eu fosse preguiçosa não sei o que seria da senhora, meu pai e meus irmãos, sem uma empregada em casa”.

MORLEY, Helen. *Minha vida de menina*.

- 04.** São características dos narradores Brás Cubas e Helena, respectivamente,
- malícia e ingenuidade.
 - solidariedade e egoísmo.
 - apatia e determinação.
 - rebelia e conformismo.
 - otimismo e pessimismo.
- 05.** Nos dois textos, obtém-se ênfase por meio do emprego de um mesmo recurso expressivo, como se pode verificar nos seguintes trechos:
- “Este último capítulo é todo de negativas” / “Eu não penso assim”.
 - “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento” / “Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos”.
 - “Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” / “Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim”.
 - “qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra” / “Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa”.
 - “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” / “Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz”.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **06 e 07**.

Voltada para o encanto da vida livre do pequeno núcleo aberto para o campo, a jovem Helena, familiar a todas as classes sociais daquele âmbito, estava colocada num invejável ponto de observação. [...]

Sem querer forçar um conflito que, ¹a bem dizer, apenas se esboça, podemos atribuir parte desta grande versatilidade psicológica da protagonista aos ²ecos de uma formação britânica, protestante, liberal, ressoando ³num ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo. Colorindo a apaixonada esfera de independência da juventude, reveste-se de acentuado sabor sociológico este caso da menina ruiva que, embora inteiramente identificada com o meio de gente morena que é o seu, o único que conhece e ama, não vacila em o criticar com ⁴precisão e finura notáveis, se essa lucidez não traduzisse a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes, que se contemplam e se julgam no interior de um eu tornado harmonioso pelo ⁵equilíbrio mesmo de suas contradições.

EULÁLIO, Alexandre. Livro que nasceu clássico.
In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*.

- 06.** O trecho do romance *Minha vida de menina* que ilustra de modo mais preciso o que, para o crítico Alexandre Eulálio, representa “a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes” é:
- “Se há uma coisa que me faz muita tristeza é gostar muito de uma pessoa, pensando que ela é boa e depois ver que é ruim”.
 - “Eu tinha muita inveja de ver meus irmãos montarem no cavalo em pelo, mas agora estou curada e não montarei nunca mais na minha vida”.
 - “Já refleti muito desde ontem e vi que o único meio de ter vestido é vendendo o broche. Vou dormir ainda esta noite com isto na cabeça e vou conversar com Nossa Senhora tudo direitinho”.
 - “Se eu não ouvir missa no domingo, como quando estou na Boa Vista onde não há igreja e não posso ouvir no Bom Sucesso, fico o dia todo com um prego na consciência me aferroando”.
 - “Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Dizem que não saía há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados”.
- 07.** De acordo com Alexandre Eulálio, a protagonista do romance *Minha vida de menina*
- vivencia um conflito – uma ideia fortalecida por “a bem dizer” (ref. 1).
 - apresenta certo vínculo com o protestantismo – uma ideia sintetizada por “ecos de uma formação britânica” (ref. 2).
 - formou-se num meio alheio ao trabalho escravo – um fato referido por “num ambiente de corte ibérico e católico” (ref. 3).
 - rejeita as influências do meio em que vive – uma característica revelada por “precisão e finura notáveis” (ref. 4).
 - tem a sua lucidez psicológica abalada pelas ambivalências de sua educação – um traço reiterado por “equilíbrio mesmo de suas contradições” (ref. 5).

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **08 e 09**.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, ¹mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ²ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, ³o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Dois janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! ⁴gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, ⁵bata na porta, ouviu?

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

* *ensarilhar-se*: *emaranhar-se*.

** *rezinga*: *resmungo*.

08. Uma característica do Naturalismo presente no texto é

- A) forte apelo aos sentidos.
- B) idealização do espaço.
- C) exaltação da natureza.
- D) realce de aspectos raciais.
- E) ênfase nas individualidades.

09. Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- A) “mas um só ruído compacto” (L. 3).
- B) “ouviam-se gargalhadas” (L. 5-6).
- C) “o prazer animal de existir” (L. 9-10).
- D) “gritou ela para baixo” (L. 15).
- E) “bata na porta” (L. 16-17).

10. [...] procurei adivinhar o que se passa na alma dum cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. [...]

RAMOS, Graciliano. *Carta a sua esposa*.

[...] Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

[...]

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.

As declarações de Graciliano Ramos na *Carta* e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em *Vidas secas*, representa

- A) o conformismo dos sertanejos.
- B) os anseios comunitários de justiça social.
- C) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- D) a crença em uma vida sobrenatural.
- E) o desdém por um mundo melhor.

11. A comparação entre os fragmentos, respectivamente, da *Carta* e de *Vidas secas*, permite afirmar que

- A) “será que há mesmo” e “acordaria feliz” sugerem dúvida.
- B) “procurei adivinhar” e “precisava vigiar” significam necessidade.
- C) “no fundo todos somos” e “andar pelas ribanceiras” indicam lugar.
- D) “padre Zé Leite pretende” e “Baleia queria dormir” indicam intencionalidade.
- E) “todos nós desejamos” e “dormiam na esteira” indicam possibilidade.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **12 a 14**.

Sarapalha

– Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!

– É um instantinho e passa... É só ter paciência...

– É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p’r’os infernos!...

– Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

– Não foi no rio, eu sei... ¹No rio ninguém não anda... ²Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...

– O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

– Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

– 3O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...
 “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo 4e com a viola enfeitada de fitas...
 E chamou a moça p’ra ir se fugir com ele”...

– Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...

– Prima Luísa...

– Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

– Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

– Não é mesmo não...

– Pois então?!

– Conta o resto da estória!...

– ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, 5ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

ROSA, Guimarães. *Sarapalha*.

- 12.** A novela *Sarapalha* apresenta uma estória dentro de outra, por meio da qual a personagem masculina da narrativa principal (Primo Argemiro) alude a uma mulher da narrativa secundária (a moça levada pelo capeta). O mesmo procedimento ocorre em

- A) “Duelo”, com Cassiano e Silvana.
 B) “Minha gente”, com Ramiro e a filha de Emílio.
 C) “A volta do marido pródigo”, com Lalino e Maria Rita.
 D) “O burrinho pedrês”, com Raymundão e a namorada de Silvino.
 E) “A hora e vez de Augusto Matraga”, com Ovídio e Dionóra.

- 13.** No texto de *Sarapalha*, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- A) “No rio ninguém não anda” (Ref. 1).
 B) “só a maleita é quem sobe e desce” (Ref. 2).
 C) “O senhor já sabe as palavras todas de cabeça” (Ref. 3).
 D) “e com a viola enfeitada de fitas” (Ref. 4).
 E) “ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa” (Ref. 5).

- 14.** Tendo como base o trecho “só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...”, o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- A) causador da malária.
 B) causador da febre amarela.
 C) transmissor da doença de Chagas.
 D) transmissor da malária.
 E) transmissor da febre amarela.

Instrução: Leia o texto para responder às questões **15** e **16**.

Os bens e o sangue

VIII

[...]

Ó filho pobre, e descorçoado*, e finito

ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
 com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos
 para tristeza nossa e consumação das eras,
 para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
 à maneira de um lago de pez** e resíduos letais...

És nosso fim natural e somos teu adubo,
 tua explicação e tua mais singela virtude...

Pois carecia que um de nós nos recusasse

para melhor servir-nos. Face a face

te contemplamos, e é teu esse primeiro

e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*.

* “descorçoado”: assim como “desacorçoado”, é uma variante de uso popular da palavra “desacorçoado”, que significa “desanimado”.

** “pez”: piche.

- 15.** Considere as seguintes afirmações:

- I. Os familiares, que falam no poema, ironizam a condição frágil do poeta.
 II. O passado é uma maldição da qual o poeta, como revela o título do poema, não consegue se desvencilhar.
 III. O trecho “o fim de tudo que foi grande” remete à ruína das oligarquias, das quais Drummond é tributário.
 IV. A imagem de uma “poesia que se furta e se expande / à maneira de um lago de pez e resíduos letais...” sintetiza o pessimismo dos poemas de *Claro enigma*.

Estão corretas:

- A) I e II, apenas.
 B) I, II e III, apenas.
 C) II e IV, apenas.
 D) I, III e IV, apenas.
 E) I, II, III e IV.

16. Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição “para” nos seguintes trechos do poema:

- I. “ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais”.
- II. “Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras”.
- III. “para o fim de tudo que foi grande”.
- IV. “para melhor servir-nos”.

A preposição “para” introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- A) I.
- B) I e II.
- C) III.
- D) III e IV.
- E) IV.

17. Examine esta propaganda.



Próximo passo: uma lei que puna o sonegador

Sonegar e adulterar é ir na contramão do Brasil honesto e justo. Os sonegadores de impostos devem bilhões de reais para todos nós. Os **devedores contumazes**, que adotam o calote tributário como modelo de negócio, não podem ficar impunes. **Juntos podemos acabar com eles.** Chegou a vez de **dizer não à sonegação.**

Disponível em: www.combustivellegal.com.br.

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo “legal” pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- A) lícito e bom.
- B) aceito e regulado.
- C) requintado e excepcional.
- D) viável e interessante.
- E) jurídico e autorizado.

01. Examine o cartum de Pietro Soldi, publicado em sua conta do Instagram em 11/09/2019.



Depreende-se do cartum que o motorista

- A) acredita que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- B) duvida de que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- C) acredita que todas as pessoas estarão extintas em dez anos.
- D) duvida daqueles que dizem que todas as pessoas irão se extinguir.
- E) acredita que todas as pessoas estarão extintas em mais de dez anos.

Instrução: Texto para as questões de 02 a 06.

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido¹ passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas...

Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras², uma avantesma³...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas⁴ que a polícia, competentemente munida de bentinhos⁵ e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro⁶ que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiantes⁷ empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

BILAC, Olavo. *Melhores crônicas*. 2005.

¹ *esbatido: de tom pávido.*

² *a desoras: muito tarde.*

³ *avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.*

⁴ *folha: periódico diário, jornal.*

⁵ *bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.*

⁶ *pardieiro: prédio velho ou arruinado.*

⁷ *sitiante: policial.*

- 02.** Em relação à reportagem sobre a diligência policial (4º e 5º parágrafos), o cronista destaca seu caráter
- A) objetivo. D) fantasioso.
 B) enigmático. E) macabro.
 C) enfadonho.

- 03.** Constitui exemplo de interação do cronista com o leitor o trecho

- A) “o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos” (3º parágrafo).
 B) “As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando” (1º parágrafo).
 C) “Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi” (3º parágrafo).
 D) “as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea” (2º parágrafo).
 E) “O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas” (2º parágrafo).

- 04.** Em “o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia” (3º parágrafo), o trecho sublinhado constitui um exemplo de

- A) sinestesia. D) hipérbole.
 B) paradoxo. E) eufemismo.
 C) pleonismo.

- 05.** Em “Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos” (5º parágrafo), o termo sublinhado está empregado na mesma acepção do termo sublinhado em

- A) “ela correu um risco desnecessário”.
 B) “a notícia corria por toda a cidade”.
 C) “a manhã corria especialmente tranquila”.
 D) “segundo corria, ela seria facilmente eleita”.
 E) “um arrepio correu-lhe pela espinha”.

- 06.** A expressão sublinhada em “No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta...” (5º parágrafo) exerce a mesma função sintática da expressão sublinhada em

- A) “Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário.” (5º parágrafo)
 B) “Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade.” (1º parágrafo)
 C) “Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas...” (5º parágrafo)
 D) “Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias...” (3º parágrafo)
 E) “Dizem as folhas que a polícia, competentemente munida de bentinhos e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma.” (4º parágrafo)

07. O tópicos clássico do *locus amoenus* está bem exemplificado nos seguintes versos do poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage:

- A) O ledo passarinho, que gorjeia
D'alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia;
- B) Já sobre o coche de ébano estrelado
Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!
- C) Ante a doce visão com que me enlaças,
Já murcho, estéril já, meu ser floresce:
Mas súbito fantasma eis desvanece
Chusma de encantos, que em teu sonho abraças:
- D) Já o Inverno, espremendo as cãs nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado
Investe ao Polo em serras escumosas;
- E) Quando por entre os véus da noite fria
A máquina celeste observo acesa,
Da angústia, de terror a imagens presa
Começa a devorar-me a fantasia.

Instrução: Texto para as questões de **08 a 10**.

Leia a cena inicial da comédia *O noviço*, de Martins Pena.

AMBRÓSIO: No mundo a fortuna é para quem sabe adquirir-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

PENA, Martins. *Comédias (1844-1845)*. 2007.

08. A fala de Ambrósio contém um elogio

- A) à humildade.
B) à moderação.
C) à meritocracia.
D) à justiça.
E) à burocracia.

09. "O como não importa; no bom resultado está o mérito..."

O teor dessa fala aproxima-se do conteúdo da seguinte citação:

- A) "Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência." (Friedrich Schiller, escritor alemão, 1759-1805)
B) "A virtude está toda no esforço." (Anatole France, escritor francês, 1844-1924)
C) "Cuide dos meios; o fim cuidará de si mesmo." (Mahatma Gandhi, líder político indiano, 1869-1948)
D) "O homem é o lobo do homem." (Plauto, dramaturgo romano, 254 a.C.-184 a.C.)
E) "Os fins justificam os meios." (Ovídio, poeta romano, 43 a.C.-17 d.C.)

10. Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Na fala de Ambrósio, constitui exemplo de derivação imprópria o vocábulo sublinhado em

- A) "O como não importa".
B) "Mas um dia pode tudo mudar".
C) "No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la".
D) "Pintam-na cega".
E) "Em mim se vê o exemplo".

11. Tal movimento deriva quase todos os seus critérios de probabilidade do empirismo das ciências naturais. Baseia seu conceito de verdade psicológica no princípio de causalidade, o desenvolvimento apropriado da trama na eliminação do acaso e dos milagres, sua descrição do ambiente na ideia de que todo e qualquer fenômeno natural tem lugar numa interminável cadeia de condições e motivos, sua utilização de detalhes característicos no método de observação científica – que não despreza circunstância alguma, por mais insignificante e trivial que seja.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. 1994 (Adaptação).

O texto refere-se ao movimento

- A) árcade. D) romântico.
B) simbolista. E) modernista.
C) realista.

Instrução: Texto para as questões de **12 a 17**.

Leia o artigo "Pó de pirlimpimpim", do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofado de macela¹. Emília, a sabida boneca de Monteiro Lobato,

aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme *Matrix* (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada Matriz, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “*I know kung fu*”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

RIBEIRO, Sidarta. *Limiar*: ciência e vida contemporânea. 2020.

¹*macela*: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofa de travesseiros.

- 12.** Por se tratar de um artigo de divulgação científica (e não um artigo científico propriamente), predomina no texto uma linguagem
- A) técnica. D) figurada.
B) acessível. E) hermética.
C) informal.
- 13.** De acordo com o autor,
- A) o avanço das pesquisas científicas pode tornar a ingestão de memórias uma prática ultrapassada.
B) a ideia de aperfeiçoamento da memória a qualquer custo pode representar um risco para a humanidade.
C) a ideia do aprendizado instantâneo pode vir a se tornar realidade em um futuro muito próximo.
D) a consolidação de memórias pode ser acelerada mediante o emprego de técnicas científicas.
E) o emprego arbitrário de técnicas científicas pode vir a descaracterizar a própria natureza da memória.
- 14.** “Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: ‘Urubu, pra cantar, demora.’” (2º parágrafo)
- Considerando o contexto, o ditado popular mencionado pode ser substituído pelo seguinte provérbio:
- A) “Quem espera sempre alcança.”
B) “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”
C) “Para bom entendedor, meia palavra basta.”
D) “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.”
E) “Quem canta seus males espanta.”
- 15.** Em “Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim” (4º parágrafo), o autor caracteriza as “oscilações lentas do sono” como um processo
- A) imaginário.
B) estéril.
C) indefinido.
D) complexo.
E) produtivo.
- 16.** Em “Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado” (3º parágrafo), o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:
- A) Por conseguinte.
B) Inclusive.
C) Todavia.
D) Além disso.
E) Conquanto.

UNESP-2021

17. Pode ser reescrito na voz passiva o seguinte trecho do artigo:
- A) "Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais" (2º parágrafo).
 - B) "Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono" (4º parágrafo).
 - C) "A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais" (4º parágrafo).
 - D) "Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral" (4º parágrafo).
 - E) "Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso" (1º parágrafo).

18. À primeira vista, porém, a arte do cinema aparenta ser demasiado simples e até mesmo estúpida. Vê-se o Rei dando um aperto de mão a um time de futebol; eis o iate de Sir Thomas Lipton; eis, enfim, Jack Horner vencendo o *Grand National*. Os olhos consomem tudo isso instantaneamente e o cérebro, agradavelmente excitado, põe-se a observar as coisas acontecerem sem se atarefar com nada. Mas qual é, pois, a sua surpresa ao ser, de repente, despertado em meio à sua agradável sonolência e chamado a prestar socorro? O olho está em apuros. Necessita de ajuda. Diz, então, ao cérebro: "Está ocorrendo algo que de modo algum posso entender. Tu me és necessário". Juntos olham para o Rei, o barco, o cavalo e o cérebro; de imediato, vê que eles se revestiram de uma qualidade que não pertence à mera fotografia da vida mesma.

WOOLF, Virginia. O cinema. *Rapsódia*. 2006 (Adaptação).

Com o surgimento da disciplina estética, no século XVIII, entendeu-se que a arte é capaz de produzir ajuizamentos. O texto aborda o tema por meio da constatação da autora de que

- A) se estabeleceu maior relevância aos temas representados pelas artes.
- B) se reconheceu a importância da sensibilidade no processo do conhecimento.
- C) ocorreu um intenso diálogo entre os artistas, tais como cineastas e literários.
- D) houve a evolução das linguagens artísticas em relação às suas técnicas.
- E) se proliferaram novas manifestações artísticas com posturas críticas.

01. Examine a tira de André Dahmer.



Malvados. 2019.

Contribui para o efeito de humor da tira o recurso

- A) ao pleonasma.
- B) à redundância.
- C) ao eufemismo.
- D) à intertextualidade.
- E) à metalinguagem.

Instrução: Leia o poema "Ausência", de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de 02 a 04.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus
[braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,

porque a ausência, essa ausência assimilada,

ninguém a rouba mais de mim.

Corpo. 2015.

02. Depreende-se do poema que

- A) a ausência, uma vez incorporada, torna-se parte constitutiva do eu lírico.
- B) a ausência, convertida em falta, passa a suprir uma carência do eu lírico.
- C) a falta e a ausência, convertidas em instâncias internas, aliviam a solidão do eu lírico.
- D) a falta e a ausência, uma vez personificadas, tornam-se companheiras do eu lírico.
- E) a falta, uma vez convertida em ausência, passa a ser verbalizada pelo eu lírico.

- 03.** Os três pronomes “a” do poema referem-se, respectivamente, a
- ausência, falta, ausência.
 - ausência, ausência, falta.
 - falta, falta, ausência.
 - falta, ausência, ausência.
 - falta, ausência, falta.

- 04.** As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 2013 (Adaptação).

No contexto do poema “Ausência”, observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso

- “Hoje não a lastimo.”
- “A ausência é um estar em mim.”
- “que rio e danço e invento exclamações alegres,”
- “ninguém a rouba mais de mim.”
- “Por muito tempo achei que a ausência é falta.”

- 05.** Escritor refletido e cheio de recurso, a sua obra é uma das minas da literatura brasileira, até hoje, e embora não pareça, tem continuidades no Modernismo. Nossa iconografia imaginária, das mocinhas, dos índios, das florestas, deve aos seus livros muito da sua fixação social; de modo mais geral, para não encompridar a lista, a desenvoltura inventiva e brasileirizante da sua prosa ainda agora é capaz de inspirar.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 2000 (Adaptação).

O comentário refere-se ao escritor

- Raul Pompeia.
- Manuel Antônio de Almeida.
- José de Alencar.
- Tomás Antônio Gonzaga.
- Aluísio Azevedo.

UNESP-2020

Instrução: Para responder às questões de **01** a **05**, leia o trecho de uma carta enviada por Antônio Vieira ao rei D. João IV em 4 de abril de 1654.

No fim da carta de que V. M.¹ me fez mercê me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece.

Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultoso serão de achar dois homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Tais são os dois capitães-mores em que se repartiu este governo: Baltasar de Sousa não tem nada, Inácio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a 1, se a 2. Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10 mil cruzados, como é notório, e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias.

Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes índios, aos quais trata como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a ele nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos índios, é ocasião de padecerem muitas necessidades os portugueses e de perecerem os pobres. Em uma capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram das Ilhas, a qual me disse com muitas lágrimas que, dos nove filhos que tivera, lhe morreram em três meses cinco filhos, de pura fome e desamparo; e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me: “Padre, não são esses os por que eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que os sustentar, e peço a Deus todos os dias que me os leve também.”

São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas, porque, como não têm com que agradecer, se algum índio se reparte não lhe chega a eles, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que V. M. por piedade deverá mandar acudir.

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V. M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

RODRIGUES, Sérgio (org.). *Cartas brasileiras*. 2017 (Adaptação).

¹ V. M.: *Vossa Majestade*.

- 01.** À questão colocada por D. João IV, Antônio Vieira
- responde de maneira categórica.
 - opta por não emitir uma opinião.
 - finje não tê-la compreendido.
 - admite a incapacidade de respondê-la.
 - responde de forma enigmática.
- 02.** Considerando o contexto, as lacunas numeradas no terceiro parágrafo do texto devem ser preenchidas, por
- humildade e vaidade.
 - necessidade e cobiça.
 - miséria e inveja.
 - preguiça e ganância.
 - avareza e luxúria.

- 03.** Em sua carta, Antônio Vieira relata os padecimentos
- dos nativos e dos capitães-mores.
 - dos negros e dos colonos pobres.
 - dos nativos e dos colonos pobres.
 - dos negros e dos capitães-mores.
 - dos nativos e dos negros.
- 04.** Em um estudo publicado em 2005, o historiador Gustavo Acioli Lopes vale-se, no quadro da economia colonial, da expressão “primo pobre” para se referir ao produto derivado das lavouras mencionadas por Antônio Vieira em sua carta. No contexto histórico em que foi escrita a carta, o “primo rico” seria
- o açúcar.
 - o pau-brasil.
 - o café.
 - o ouro.
 - o algodão.
- 05.** Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 1997 (Adaptação).

Antônio Vieira recorre a esse recurso expressivo em:

- “Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam” (3º parágrafo).
- “e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me” (4º parágrafo).
- “e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias” (3º parágrafo).
- “São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas” (5º parágrafo).
- “Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos” (2º parágrafo).

Instrução: Para responder às questões de **06** a **08**, leia o trecho de uma fala da personagem Quincas Borba, extraída do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1891.

– [...] O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso,

tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. [...] Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho.

Quincas Borba. 2016.

- 06.** Está empregado em sentido figurado o termo destacado em:
- “nenhuma pessoa **canoniza** uma ação que virtualmente a destrói”.
 - “a supressão de uma é condição da **sobrevivência** da outra”.
 - “Uma das tribos **extermina** a outra e recolhe os despojos”.
 - “Daí o caráter conservador e benéfico da **guerra**”.
 - “não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de **inanição**”.
- 07.** Em “mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra” e “As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos”, os termos destacados estabelecem relação, respectivamente, de
- consequência e conformidade.
 - causa e conformidade.
 - conformidade e consequência.
 - causa e finalidade.
 - consequência e finalidade.

- 08.** Tal movimento distingue-se pela atenuação do sentimentalismo e da melancolia, a ausência quase completa de interesse político no contexto da obra (embora não na conduta) e (como os modelos franceses) pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico. O mito da pureza da língua, do casticismo vernacular abonado pela autoridade dos autores clássicos, empolgou toda essa fase da cultura brasileira e foi um critério de excelência. É possível mesmo perguntar se a visão luxuosa dos autores desse movimento não representava para as classes dominantes uma espécie de correlativo da prosperidade material e, para o comum dos leitores, uma miragem compensadora que dava conforto.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 2010. (Adaptação).

O texto refere-se ao movimento denominado

- Romantismo.
- Barroco.
- Parnasianismo.
- Arcadismo.
- Realismo.

UNESP-2019/1

Instrução: Leia o trecho do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder às questões de **01** a **06**.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcancei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplinado, invadi a terra do Fidélis, paraplético de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Inicie a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 1996.

- 01.** No trecho, o narrador revela-se uma pessoa
- empreendedora e solidária.
 - invejosa e hesitante.
 - obstinada e compassiva.
 - egoísta e violenta.
 - preguiçosa e traiçoeira.
- 02.** O conhecido preceito “os fins justificam os meios” pode ser aplicado ao trecho:
- “E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.” (6º parágrafo)
 - “Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.” (4º parágrafo)
 - “Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.” (1º parágrafo)
 - “Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2º parágrafo)
 - “Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram.” (7º parágrafo)

- 03.** "Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se." (2º parágrafo) Os pronomes destacados referem-se, respectivamente, a
- A) "alavanca", "um", "viúva e órfãos".
 B) "pedra", "um", "meninos".
 C) "pedra", "alavanca", "viúva e órfãos".
 D) "alavanca", "pedra", "viúva e órfãos".
 E) "alavanca", "pedra", "meninos".
- 04.** O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:
- A) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza." (7º parágrafo)
 B) "Naturalmente deixei de dormir em rede." (4º parágrafo)
 C) "A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus." (6º parágrafo)
 D) "E os negócios desdobraram-se automaticamente." (7º parágrafo)
 E) "Julgo que não preciso descrevê-la." (4º parágrafo)
- 05.** Verifica-se o emprego de verbo no modo imperativo no seguinte trecho:
- A) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços." (7º parágrafo)
 B) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto." (10º parágrafo)
 C) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente." (3º parágrafo)
 D) "Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas." (5º parágrafo)
 E) "Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas." (6º parágrafo)
- 06.** "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem." (7º parágrafo) Considerada no atual contexto histórico, essa fala do narrador pode ser vista como uma crítica à ideia de
- A) trabalho. D) preguiça.
 B) meritocracia. E) pobreza.
 C) burocracia.
- 07.** Tal movimento não era apenas um movimento europeu de caráter universal, conquistando uma nação após outra e criando uma linguagem literária universal que, em última análise, era tão inteligível na Rússia e na Polônia quanto na Inglaterra e na França; ele também provou ser uma daquelas correntes que, como o Classicismo da Renascença, subsistiu como fator duradouro no desenvolvimento da arte. Na verdade, não existe produto da arte moderna, nenhum impulso emocional, nenhuma impressão ou estado de espírito do homem moderno,

que não deva sua sutileza e variedade à sensibilidade que se desenvolveu a partir desse movimento. Toda exuberância, anarquia e violência da arte moderna, seu lirismo balbuciante, seu exibicionismo restrito e profuso, derivaram dele. E essa atitude subjetiva e egocêntrica tornou-se de tal modo natural para nós, tão absolutamente inevitável, que nos parece impossível reproduzir sequer uma sequência abstrata de pensamento sem fazer referência aos nossos sentimentos.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. 1995 (Adaptação).

O texto refere-se ao movimento denominado

- A) Barroco.
 B) Arcadismo.
 C) Realismo.
 D) Romantismo.
 E) Simbolismo.

- 08.** Indo às consequências finais da posição de José de Alencar no Romantismo, esse autor adotou como base da sua obra o esforço de escrever numa língua inspirada pela fala corrente e os modismos populares, não hesitando em usar formas consideradas incorretas, desde que legitimadas pelo uso brasileiro. Com isso, foi o maior demolidor da "pureza vernácula" e do "culto da forma".

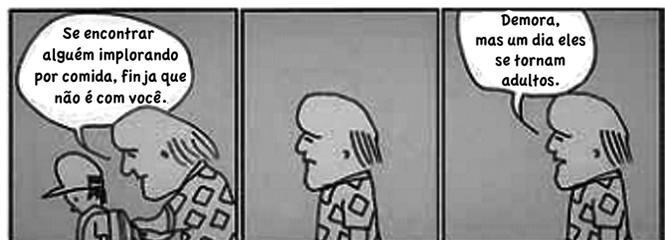
CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 2010 (Adaptação).

O texto refere-se a

- A) Olavo Bilac.
 B) Machado de Assis.
 C) Mário de Andrade.
 D) Aluísio Azevedo.
 E) Euclides da Cunha.

UNESP-2018/2

- 01.** Examine a tira do cartunista André Dahmer.



DAHMER, André. *Quadrinhos dos anos 10*. 2016.

O conselho presente na primeira fala sugere falta de

- A) compaixão. D) malícia.
 B) paciência. E) cinismo.
 C) ganância.

Instrução: Leia o soneto do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões de **02 a 07**.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. 2010.

- 02.** O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:
- "Nada é duradouro como a mudança." (Ludwig Börne, 1786-1837)
 - "Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas." (Sófocles, 496-406 a.C.)
 - "Nada é mais forte que o hábito." (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)
 - "A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria." (William Blake, 1757-1827)
 - "Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência." (Friedrich Schiller, 1759-1805)
- 03.** A exemplo do verso "A firmeza somente na inconstância" (4ª estrofe), verifica-se a quebra da lógica em:
- "Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza," (3ª estrofe)
 - "Se é tão formosa a Luz, por que não dura?" (2ª estrofe)
 - "Depois da Luz se segue a noite escura," (1ª estrofe)
 - "Nasce o Sol, e não dura mais que um dia," (1ª estrofe)
 - "E na alegria sintam-se tristeza." (3ª estrofe)
- 04.** A figura de linguagem mais recorrente nesse soneto é
- a hipérbole.
 - a ironia.
 - o eufemismo.
 - a sinestesia.
 - a antítese.
- 05.** Em "Nasce o Sol, e não dura mais que um dia," (1ª estrofe), a conjunção aditiva "e" assume valor
- causal.
 - alternativo.
 - conclusivo.
 - adversativo.
 - explicativo.
- 06.** O verso está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original, em:
- "Começa o mundo enfim pela ignorância," (4ª estrofe)
→ Pela ignorância, enfim, o mundo começa.
 - "Em tristes sombras morre a formosura," (1ª estrofe)
→ A formosura morre em tristes sombras.
 - "Nasce o Sol, e não dura mais que um dia," (1ª estrofe)
→ O Sol não dura mais que um dia que nasce.
 - "Depois da Luz se segue a noite escura," (1ª estrofe)
→ Segue-se a noite escura depois da Luz.
 - "Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza," (3ª estrofe)
→ Mas falte a firmeza no Sol e na Luz.
- 07.** Verifica-se a ocorrência de um termo subentendido, mas citado no verso anterior, em:
- "Se é tão formosa a Luz, por que não dura?" (2ª estrofe)
 - "Como o gosto da pena assim se fia?" (2ª estrofe)
 - "Em contínuas tristezas a alegria." (1ª estrofe)
 - "Na formosura não se dê constância," (3ª estrofe)
 - "Depois da Luz se segue a noite escura," (1ª estrofe)
- 08.** Esse autor introduziu no romance brasileiro o índio e os seus acessórios, aproveitando-o ou em plena selvageria ou em comércio com o branco. Como o quer representar no seu ambiente exato, ou que lhe parece exato, é levado a fazer também, se não antes de mais ninguém, com talento que lhe assegura a primazia, o romance da natureza brasileira.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 1969 (Adaptação).
- Tal comentário refere-se a
- Aluísio Azevedo.
 - José de Alencar.
 - Manuel Antônio de Almeida.
 - Basílio da Gama.
 - Gonçalves Dias.
- 09.** Ricardo Reis é, assim, o heterônimo clássico, ou melhor, neoclássico: sua visão da realidade deriva da Antiguidade greco-latina. Seus modelos de vida e de poesia, buscou-os na Grécia e em Roma.
- MOISÉS, Massaud. Introdução. In: PESSOA, Fernando. *O guardador de rebanhos e outros poemas*, 1997.

Levando-se em consideração esse comentário, pertencem a Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa (1888-1935), os versos:

- A) Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
Com a sua poesia também, e todo o novo gênero de [vida
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
- B) Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.
- C) Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)
- D) À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da [fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos [antigos.
- E) O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

10. Expressionismo: Termo aplicado pela crítica e pela história da arte a toda arte em que as ideias tradicionais de naturalismo são abandonadas em favor de distorções ou exageros de forma e cor que expressam, de modo premente, a emoção do artista. Neste sentido mais geral, o termo pode ser aplicado à arte de qualquer período ou lugar que conceda às reações subjetivas um lugar de maior importância que à observação do mundo exterior.

CHILVERS, Ian (org.). *Dicionário Oxford de arte*. 2007.

De acordo com essa definição, pode ser considerada expressionista a obra:

A)



B)



C)



D)



E)



UNESP-2018/1

Instrução: Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à(s) questão(ões) de **01 a 07**.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

VIEIRA, Antônio. *Essencial*. 2011.

- 01.** No primeiro parágrafo, Antônio Vieira caracteriza a resposta do pirata a Alexandre Magno como
 - A) dissimulada.
 - B) ousada.
 - C) enigmática.
 - D) servil.
 - E) hesitante.

- 02.** “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de

A) condição.	D) causa.
B) proporção.	E) consequência.
C) finalidade.	

- 03.** No segundo parágrafo, Antônio Vieira torna explícito seu descontentamento com
 - A) o filósofo Sêneca.
 - B) os príncipes católicos.
 - C) o imperador Nero.
 - D) a doutrina estoica.
 - E) os oradores evangélicos.

- 04.** Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:
 - A) “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?” (1º parágrafo)
 - B) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...].” (3º parágrafo)
 - C) “O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.” (1º parágrafo)
 - D) “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)
 - E) “Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.” (3º parágrafo)

- 05.** Em um trecho do “Sermão da Sexagésima”, Antônio Vieira critica o chamado estilo cultista de alguns oradores sacros de sua época nos seguintes termos: “Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas não de estar sempre em fronteira com o seu contrário?”

Palavras “em fronteira com o seu contrário”, contudo, também foram empregadas por Vieira, conforme se verifica na expressão destacada em:

- A) “Navegava Alexandre [Magno] em uma **poderosa armada** pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia” (1º parágrafo).
- B) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais **alta esfera**” (3º parágrafo).
- C) “Saibam estes **eloquentes mudos** que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem” (2º parágrafo).
- D) “Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um **filósofo estoico** se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero” (2º parágrafo).
- E) “Os **outros ladrões** roubam um homem, estes roubam cidades e reinos” (3º parágrafo).

06. Assinale a alternativa cuja citação se aproxima tematicamente do “Sermão do bom ladrão” de Antônio Vieira.

- A) “Rouba um prego, e serás enforcado como um malfeitor; rouba um reino, e tornar-te-ás duque.” (Chuang-Tzu, filósofo chinês, 369-286 a.C.)
- B) “Para quem vive segundo os verdadeiros princípios, a grande riqueza seria viver serenamente com pouco: o que é pouco nunca é escasso.” (Lucrecio, poeta latino, 98-55 a.C.)
- C) “O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; aquele que se persegue é o instrumento da escravidão.” (Rousseau, filósofo francês, 1712-1778)
- D) “Que o ladrão e a ladra tenham a mão cortada; esta será a recompensa pelo que fizeram e a punição da parte de Deus; pois Deus é poderoso e sábio.” (Alcorão, livro sagrado islâmico, século VII)
- E) “Dizem que tudo o que é roubado tem mais valor.” (Tirso de Molina, dramaturgo espanhol, 1584-1648)

07. “[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...]” (3º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- A) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- B) uma preposição, um artigo e uma preposição.
- C) um artigo, um pronome e um pronome.
- D) um pronome, uma preposição e um artigo.
- E) uma preposição, um artigo e um pronome.

08. A poesia dos antigos era a da posse, a dos novos é a da saudade (e anseio); aquela se ergue, firme, no chão do presente; esta oscila entre recordação e pressentimento.

O ideal grego era a concórdia e o equilíbrio perfeitos de todas as forças; a harmonia natural. Os novos, porém, adquiriram a consciência da fragmentação interna que torna impossível este ideal; por isso, a sua poesia aspira a reconciliar os dois mundos em que se sentem divididos, o espiritual e o sensível, fundindo-os de um modo indissolúvel. Os antigos solucionam a sua tarefa, chegando à perfeição; os novos só pela aproximação podem satisfazer o seu anseio do infinito.

SCHLEGEL, August *apud* ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*, 1996 (Adaptação).

Os “novos” a que se refere o escritor alemão August Schlegel são os poetas

- A) românticos.
- B) modernistas.
- C) árcades.
- D) clássicos.
- E) naturalistas.

Instrução: Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek, para responder às questões 09 e 10.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: “Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira.” Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: “Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha.” Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!*. 2003.

09. A “introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada” constitui um exemplo de

- A) eufemismo.
- B) metalinguagem.
- C) intertextualidade.
- D) hipérbole.
- E) pleonismo.

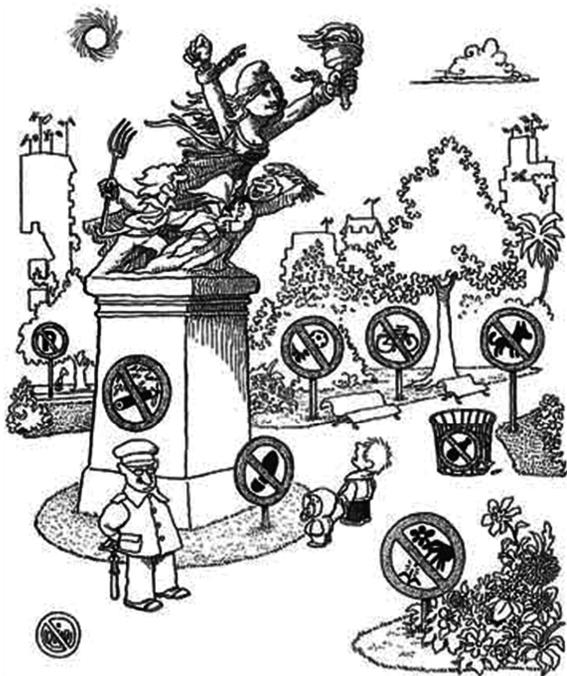
10. "Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...]."

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- A) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.
- B) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- C) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- D) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- E) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.

UNESP-2017/2

01. Examine a charge do cartunista argentino Quino (1932-2020).



QUINO. *Potentes, prepotentes e impotentes*. 2003.

A charge explora, sobretudo, a oposição

- A) inocência x malícia.
- B) público x privado.
- C) progresso x estagnação.
- D) natureza x cidade.
- E) liberdade x repressão.

Instrução: Para responder às questões de **02** a **07**, leia a crônica "Seu 'Afredo'", de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Alfredo (ele sempre subtraía o "l" do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do vernáculo¹ e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Alfredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada² quando seu Alfredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide³ caseira, queixou-se do fatigante ramerrão⁴ do trabalho doméstico. Seu Alfredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Alfredo, acororado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Alfredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Alfredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– Eximinista pianista!

MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 2009.

¹ vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

² ressabiado: desconfiado.

³ lide: trabalho penoso, labuta.

⁴ ramerrão: rotina.

- 02.** Na crônica, o personagem seu Alfredo é descrito como uma pessoa
- pedante e cansativa.
 - intrometida e desconfiada.
 - expansiva e divertida.
 - discreta e preguiçosa.
 - temperamental e bajuladora.
- 03.** Em “Mas, como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Alfredo estava sozinho” (1º parágrafo), o cronista sugere que seu Alfredo
- mostrava-se incomodado por não ter com quem conversar sobre questões gramaticais.
 - revelava orgulho ao ostentar conhecimentos linguísticos pouco usuais.
 - sentia-se solitário por ser um dos poucos a dispor de sólidos conhecimentos gramaticais.
 - sentia-se amargurado por notar que seus conhecimentos linguísticos não eram reconhecidos.
 - revelava originalidade no modo como empregava seus conhecimentos linguísticos.
- 04.** Um traço característico do gênero crônica, visível no texto de Vinicius de Moraes, é
- o tom coloquial.
 - a sintaxe rebuscada.
 - o vocabulário opulento.
 - a finalidade pedagógica.
 - a crítica política.
- 05.** “[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:
- Onde vais assim tão elegante?” (2º parágrafo / 3º parágrafo)
- Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:
- foi
 - fora
 - vai
 - ia
 - iria
- 06.** Observa-se no texto um desvio quanto às normas gramaticais referentes à colocação pronominal em:
- “Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro.” (1º parágrafo)
 - “Seu Alfredo [...] tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador.” (1º parágrafo)
 - “Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal.” (2º parágrafo)
 - “[...] seu Alfredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular [...]” (2º parágrafo)
 - “Seu Alfredo virou-se para ela e disse: [...]” (4º parágrafo)
- 07.** Em “Conta ela que seu Alfredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou [...]” (12º parágrafo), a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:
- assim como
 - logo que
 - enquanto
 - porque
 - ainda que
- 08.** A veia satírica do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) está bem exemplificada nos seguintes versos:
- Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah!, cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.
 - Cândida pomba mimosa,
Ave dos níveos Amores,
Cingida por mãos das Graças
Dum lindo colar de flores:
Vênus, macia a meus versos,
Grata aos cultos que lhe dou,
Já desde o ninho amoroso
Para mim te destinou.
 - Assim como as flores vivem,
A minha Lília viveu;
Assim como as flores morrem,
A minha Lília morreu.
Assomando o negro dia,
Ave sinistra gemeu;
Cumpru-se o funesto agouro:
A minha Lília morreu.
 - Refalsado animal, das trevas sócio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pele.
Da razão, da moral o tom que arrogas,
Jamais purificou teus lábios torpes,
Torpes do lodaçal, donde zunindo
(Nuvens de insetos vis) te sobem trovas
A mente erma de ideias, nua de arte.
 - Senhor que estás no céu, que vês na terra
Meu frágil coração desfeito em pranto,
Pelos ânsias mortais, o ardor, o encanto
Com que lhe move Amor terrível guerra.

- 09.** Desde já a ciência entra, portanto, no nosso domínio de romancistas, nós que somos agora analistas do homem, em sua ação individual e social. Continuamos, pelas nossas observações e experiências, o trabalho do fisiólogo que continuou o do físico e o do químico. Praticamos, de certa forma, a Psicologia científica, para completar a Fisiologia científica; e, para acabar a evolução, temos tão somente que trazer para nossos estudos sobre a natureza e o homem o instrumento decisivo do método experimental. Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, como o fisiólogo trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. É a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e de experimentação.

ZOLA, Émile. *O romance experimental*. 1982 (Adaptação).

Depreendem-se do comentário do escritor francês Émile Zola preceitos que orientam a corrente literária

- A) simbolista.
 B) árcade.
 C) naturalista.
 D) romântica.
 E) barroca.
- 10.** Quando este(a) autor(a) publicou seu primeiro livro, duas vertentes assinalavam o panorama da ficção brasileira: o regionalismo e a reação espiritualista. Sua obra vai representar uma síntese feliz das duas vertentes. Como regionalista, volta-se para os interiores do país, pondo em cena personagens plebeias e "típicas". Leva a sério a função da literatura como documento, ao ponto de reproduzir a linguagem característica daquelas paragens. Porém, como os autores da reação espiritualista, descortina largo sopro metafísico, costeando o sobrenatural, em demanda da transcendência. No que superou a ambas, distanciando-se, foi no apuro formal, no caráter experimentalista da linguagem, na erudição poliglótica, no trato com a literatura universal de seu tempo, de que nenhuma das vertentes dispunha, ou a que não atribuíam importância. E no fato de escrever prosa como quem escreve poesia – ou seja, palavra por palavra, ou até fonema por fonema.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Introdução*. 2000 (Adaptação).
- Esse comentário refere-se a
- A) Guimarães Rosa.
 B) Clarice Lispector.
 C) Euclides da Cunha.
 D) Machado de Assis.
 E) Graciliano Ramos.

GABARITO

FUVEST-SP-2023

01. B	07. D
02. A	08. C
03. C	09. B
04. E	10. E
05. D	11. A
06. C	

FUVEST-SP-2022

01. C	08. E
02. B	09. A
03. E	10. D
04. A	11. C
05. D	12. A
06. E	13. B
07. C	14. B

FUVEST-SP-2021

01. E	10. D
02. D	11. B
03. C	12. E
04. E	13. E
05. A	14. A
06. A	15. A
07. B	16. C
08. C	17. D
09. B	

FUVEST-SP-2020

01. E	09. B
02. C	10. C
03. E	11. B
04. A	12. B
05. A	13. E
06. D	14. A
07. D	15. C
08. D	16. C

FUVEST-SP-2019

- | | |
|-------|-------|
| 01. D | 09. C |
| 02. E | 10. B |
| 03. E | 11. D |
| 04. C | 12. A |
| 05. D | 13. A |
| 06. B | 14. A |
| 07. E | 15. B |
| 08. E | 16. C |

FUVEST-SP-2018

- | | |
|-------|-------|
| 01. D | 10. B |
| 02. D | 11. D |
| 03. A | 12. D |
| 04. C | 13. B |
| 05. C | 14. D |
| 06. C | 15. E |
| 07. B | 16. E |
| 08. A | 17. A |
| 09. E | |

Unesp-2022

- | | |
|-------|-------|
| 01. A | 10. A |
| 02. D | 11. C |
| 03. C | 12. B |
| 04. E | 13. D |
| 05. C | 14. B |
| 06. B | 15. E |
| 07. A | 16. C |
| 08. C | 17. D |
| 09. E | 18. B |

Unesp-2021

- 01. E
- 02. A
- 03. D
- 04. B
- 05. C

Unesp-2020

- | | |
|-------|-------|
| 01. A | 05. E |
| 02. B | 06. A |
| 03. C | 07. D |
| 04. A | 08. C |

Unesp-2019/1

- | | |
|-------|-------|
| 01. D | 05. A |
| 02. A | 06. B |
| 03. A | 07. D |
| 04. A | 08. C |

Unesp-2018/2

- | | |
|-------|-------|
| 01. A | 06. B |
| 02. A | 07. C |
| 03. E | 08. B |
| 04. E | 09. C |
| 05. D | 10. E |

Unesp-2018/1

- | | |
|-------|-------|
| 01. B | 06. A |
| 02. A | 07. B |
| 03. E | 08. A |
| 04. C | 09. B |
| 05. C | 10. D |

Unesp-2017/2

- | | |
|-------|-------|
| 01. E | 06. B |
| 02. C | 07. B |
| 03. E | 08. D |
| 04. A | 09. C |
| 05. D | 10. A |